

2025

ADELICIO MACHADO DOS SANTOS

A detailed painting of a face, focusing on the eyes and forehead. The eyes are large and expressive, with irises that are a mix of green, blue, and yellow. The skin around the eyes is painted with various colors, including purple, pink, and orange. A paintbrush with a silver ferrule and a wooden handle is resting on the forehead, its bristles touching the skin. The overall style is highly detailed and colorful, with a focus on texture and light.

CRÍTICA DE ARTE ARTES VISUAIS

ADELICIO MACHADO DOS SANTOS

CRÍTICA DE ARTE –
ARTES VISUAIS

Editora Pascal

2025

Editor Chefe: Prof. Dr. Patrício Moreira de Araújo Filho

Edição e Diagramação: Eduardo Mendonça Pinheiro

Edição de Arte: Marcos Clyver dos Santos Oliveira

Bibliotecária: Rayssa Cristhália Viana da Silva – CRB-13/904

Revisão: Adelcio Machado Dos Santos

Conselho Editorial

Dr. Claudio Alves Benassi

Dr. Francisco Irapuan Ribeiro

Dr^a Lucieny da Silva Pontes

Dr. Givago da Silva Souza

Dr^a Anali Linhares Lima

Dr. José Ribamar Neres Costa

Dr^a Maria Raimunda Chagas Silva

Dr^a Shirley Ribeiro Carvalho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S237c

Santos, Adelcio Machado dos

Crítica de arte - artes visuais / Adelcio Machado dos Santos — São Luís: Editora Pascal, 2025.

64 f. : il.:

Formato: PDF

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN: 978-65-6068-183-5

D.O.I.: 10.29327/5654361

1. Artes visual. 2. Formação crítica. 3. Produção artística. 4. Pesquisa. I. Santos, Adelcio Machado dos. II. Título.

CDU: 75:37.01+001.891

Qualquer parte deste livro poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros, desde que seja citado o autor.

*Livro dedicado às e aos
pesquisadores(as) das Artes Visuais*

PREÂMBULO

Prof. Dr. Adelcio Machado dos Santos

Em primeiro lugar, a crítica de arte configura prática essencial para a apreciação e entendimento das diversas formas de expressão artística. Entre as inúmeras modalidades que compõem o universo das artes, cinco se destacam pela sua relevância e impacto cultural: pintura, música, cinema, literatura e teatro. Cada uma dessas modalidades possui características únicas que exigem um olhar atento e sensível para serem plenamente compreendidas e apreciadas.

A pintura, uma das formas mais antigas de expressão artística, é uma modalidade que se destaca pela sua capacidade de capturar e transmitir emoções, histórias e conceitos através de cores, formas e texturas. A crítica de pintura envolve a análise de elementos como a composição, a técnica, o uso das cores e a temática abordada pelo artista.

Obras de mestres como Leonardo da Vinci, Vincent van Gogh e Frida Kahlo são frequentemente estudadas e interpretadas para revelar as intenções e emoções por trás de cada pincelada. A interação entre luz e sombra, a perspectiva e o estilo pessoal do artista são aspectos fundamentais que a crítica de pintura busca desvendar e explicar.

A Música, por sua vez, é uma forma de arte que transcende barreiras culturais e linguísticas. A crítica musical analisa diversos elementos, incluindo a melodia, a harmonia, o ritmo, a instrumentação e a performance dos músicos. Além disso, o contexto histórico e cultural em que a obra foi criada é essencial para uma compreensão mais profunda.

Compositores como Ludwig van Beethoven, Igor Stravinsky e John Coltrane revolucionaram a música em suas respectivas épocas, e a crítica musical busca entender como suas obras dialogam com o tempo em que foram produzidas e com o público contemporâneo. A interpretação dos músicos e a resposta emocional que a música provoca nos ouvintes são aspectos centrais na análise crítica dessa modalidade.

O cinema, considerado a sétima arte, é uma modalidade que combina elementos visuais, sonoros e narrativos para contar histórias e evocar emoções. A crítica de cinema envolve a análise de aspectos como a direção, o roteiro, a atuação, a cinematografia, a edição e a trilha sonora.

Diretores como Alfred Hitchcock, Federico Fellini e Quentin Tarantino são conhecidos por seus estilos distintos e inovadores, e a crítica cinematográfica busca

entender como suas escolhas artísticas contribuem para a narrativa e a experiência do espectador. Além disso, o cinema é uma arte colaborativa, e a interação entre diferentes elementos e profissionais é um ponto-chave na avaliação crítica de um filme.

A literatura, uma das formas mais ricas e diversificadas de expressão artística, utiliza a linguagem para explorar a condição humana, transmitir ideias e criar mundos imaginários. A crítica literária analisa elementos como a estrutura narrativa, o desenvolvimento de personagens, o estilo de escrita e os temas abordados na obra.

Literatos como William Shakespeare, Virginia Woolf e Gabriel García Márquez são amplamente estudados pela forma como utilizam a linguagem para construir universos complexos e explorar questões profundas. A crítica literária também considera o contexto histórico e cultural da obra, buscando entender como ela reflete e dialoga com o seu tempo.

Por último, o Teatro se configura modalidade de arte que combina texto, atuação, direção, cenografia e iluminação para criar experiências ao vivo que envolvem e emocionam o público. A crítica teatral examina a qualidade do texto dramático, a interpretação dos atores, a direção, o design de produção e a interação entre esses elementos.

Dramaturgos como William Shakespeare, Henrik Ibsen e Tennessee Williams são renomados por suas contribuições ao teatro, e a crítica busca entender como suas obras continuam a ressoar com o público contemporâneo. A experiência ao vivo do teatro, com sua capacidade de criar uma conexão imediata e visceral entre os atores e a audiência, é um aspecto central na análise crítica dessa modalidade.

Em epítome, a crítica de arte desempenha um papel crucial na valorização e compreensão das diversas modalidades artísticas.

Por final, este volume consiste em compilação de estudos acerca das Artes Visuais.

BIOGRAFIA DO AUTOR



O Prof. Dr. Adelcio Machado dos Santos é jornalista (MT/SC 4155), com militância em Jornalismo Cultural e Crítica de Arte.

Doutor e Pós-Doutor em Engenharia e Gestão do Conhecimento (UFSC). Mestre em Relações Internacionais. Licenciado em Artes Visuais;

O núcleo temático de estudo envolve as linhas de pesquisa: Desenvolvimento e Sociedade, Estudos Culturais

e Interdisciplinaridade.

Ex-Reitor, coordenador de curso, vogal da Comissão Própria de Avaliação (CPA), Núcleos Docentes Estruturante (NDE) e colegiado da Universidade do Alto Vale do Rio do Peixe (UNIARP), na cidade de Concórdia, em Santa Catarina. Integrou os Conselhos Estaduais de Educação e Cultura e Desportos em Santa Catarina.

Participou do “staff” da na Assembleia Constituinte de Santa Catarina, Assembleia Legislativa de Santa Catarina, Tribunal de Contas de Santa Catarina, Secretaria de Estado da Educação e Secretaria de Estado da Fazenda.

É avaliador científico de projetos, eventos, editoras e periódicos. Consultor do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP), Banco de Avaliadores do Sistema Nacional de Avaliação da Educação (BASIs), Banco Nacional de Itens (BNI), Conselho Estadual de Educação de Santa Catarina (CEE/SC) e Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC).

É vogal das seguintes instituições: Conselho Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Direito (COMPEDI), Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Administração (ANPAD), Associação Brasileira de Ciência Política (ABPC), Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (ANPED), Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB), Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Estudos do Lazer (AMPEL), Associação Brasileira de Relações Internacionais (ABRI); Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas (ABRACE), Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ambiente e Sociedade (ANPAS), Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas (ABRACE), Associação Nacional de Pesquisadores de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas (ABRAPCORP), Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Música (AMPOM), Fórum Brasileiro de Ensino de Cinema e Audiovisual

(FORCINE), Sociedade Brasileira de Administração Pública (SBAP), Associação Brasileira de Estudos de Defesa (ABED), Associação Keynesiana Brasileira (AKB), Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO), Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM), Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual (SOCINE).

Deu a lume a 69 livros, 186 capítulos de livros e 426 artigos científicos.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6663595207403860>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3916-972X>

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	11
<i>FOTOGRAFIA – DISPOSITIVO TECNOLÓGICO E ARTE VISUAL</i>	
CAPÍTULO 2	16
<i>ENSINO E PESQUISA EM ARTES VISUAIS: uma discussão na literatura científica</i>	
CAPÍTULO 3	28
<i>ARQUITETURA PORTUGUESA NO LITORAL CATARINENSE</i>	
CAPÍTULO 4	31
<i>ARTE DA PINTURA: uma compreensão do seu contexto como espelho da sociedade</i>	
CAPÍTULO 5	43
<i>ALEIJADINHO – MAGNÍFICO ARTISTA</i>	
CAPÍTULO 6	46
<i>ARQUITETURA É ARTE VISUAL</i>	
CAPÍTULO 7	49
<i>ARTE VISUAIS NO ISLÃ – CARACTERÍSTICAS RELEVANTES</i>	
CAPÍTULO 8	52
<i>CINEMA: um olhar sobre a mídia ideológica</i>	

1

FOTOGRAFIA – DISPOSITIVO TECNOLÓGICO E ARTE VISUAL

Primeiramente, a fotografia, desde sua invenção no século XIX, ocupa um lugar singular na interseção entre a técnica e a arte. Originada de uma série de avanços científicos e tecnológicos que envolvem óptica, química e física, ela surgiu como um dispositivo para registrar a realidade com precisão. Contudo, ao longo do tempo, a fotografia ultrapassou o domínio da pura reprodução técnica para tornar-se uma das mais expressivas linguagens visuais da contemporaneidade. Essa trajetória reflete uma transformação profunda, na qual a câmera não é apenas uma máquina, mas também um instrumento criativo que media o olhar humano sobre o mundo.

O surgimento da fotografia pode ser compreendido como uma resposta ao desejo moderno de capturar o real. A partir de experimentos com a câmara escura e substâncias fotossensíveis, inventores e cientistas buscavam fixar a imagem projetada pela luz em uma superfície permanente. Em 1839, esse desejo se concretizou com a invenção do daguerreótipo por Louis Daguerre, na França. O daguerreótipo utilizava uma chapa de cobre prateada, sensibilizada com vapor de iodo e revelada com vapor de mercúrio. O resultado era uma imagem única, de altíssima definição, mas sem possibilidade de cópias.

Destarte, em poucos anos, novos processos como o calótipo, o colódio úmido e, mais adiante, o filme fotográfico em rolo desenvolvido por George Eastman revolucionariam o acesso à fotografia, tornando-a portátil, reproduzível e acessível a um número crescente de pessoas. Assim, a fotografia nasce profundamente entrelaçada à tecnologia, dependente do desenvolvimento de lentes, emulsões, câmeras e, mais tarde, sensores digitais. No entanto, essa dependência técnica nunca a impediu de ser também uma forma de expressão estética e poética.

Outrossim, desde seus primeiros anos, a fotografia passou a ocupar múltiplos espaços da vida social e cultural. Rapidamente, ela substituiu a pintura como forma privilegiada de retratar indivíduos e famílias, registrando com fidelidade não apenas os traços físicos, mas também as roupas, os móveis, os objetos e os modos de vida. Sua utilização se expandiu para campos como a ciência, a medicina, a antropologia, a criminalística e, com grande impacto, o jornalismo. A fotografia tornou-se uma ferramenta de documentação, de prova e de memória. Com sua aparência de imparcialidade, a imagem fotográfica foi, por muito tempo, associada à verdade, sendo tomada como evidência objetiva da realidade.

Todavia, a suposta objetividade sempre esteve mediada por escolhas subjetivas: o que fotografar, de que ângulo, em que momento, com que luz, com que enquadramento. A fotografia é, portanto, uma linguagem, com gramática própria, capaz de construir sentidos e narrativas.

Destarte, o aspecto narrativo e expressivo da fotografia tornou-se mais evidente com sua progressiva aceitação como arte. No final do século XIX, movimentos

como o pictorialíssimo buscaram legitimar a fotografia no campo das belas-artes, imitando estilos pictóricos, manipulando negativos, suavizando contornos e exaltando temas clássicos. Essa tentativa de conferir “nobreza” à imagem fotográfica refletia uma necessidade de aproximação com a pintura, que, por séculos, fora o paradigma da representação visual.

No entanto, ao longo do século XX, a fotografia ganhou força ao afirmar suas próprias especificidades. Movimentos de vanguarda como o dadaísmo, o surrealismo e o construtivismo russo exploraram o potencial disruptivo da imagem fotográfica. Técnicas como fotomontagens, solarizações, exposições múltiplas e fotogramas mostraram que a fotografia podia ir além do realismo, adentrando territórios imaginários e conceituais. Artistas como Man Ray, László Moholy-Nagy, Alexander Rodchenko e muitos outros reinventaram a fotografia como um campo de experimentação formal e política.

Paralelamente a essas experiências artísticas, a fotografia documental também se consolidava como forma de intervenção social. Projetos fotográficos voltados para questões urbanas, condições de trabalho, desigualdade e conflitos armados tornaram-se fundamentais para a denúncia e a mobilização pública. Fotógrafos como Dorothea Lange, Sebastião Salgado, Gordon Parks e Henri Cartier-Bresson mostraram que a fotografia podia ser, ao mesmo tempo, uma arte e um testemunho.

Esse duplo caráter — artístico e documental — acompanha a fotografia até hoje, sendo parte de sua riqueza e complexidade.

Com a chegada do digital, a fotografia passou por uma transformação radical. A substituição do filme pelo sensor eletrônico e dos laboratórios químicos pelos programas de edição alterou profundamente o processo fotográfico. A imagem, agora composta por pixels e armazenada em arquivos digitais, tornou-se instantaneamente acessível, copiável e manipulável.

Técnicas como o Photoshop, os filtros automáticos e os algoritmos de inteligência artificial ampliaram as possibilidades criativas, mas também levantaram questões éticas sobre a autenticidade, a manipulação e a veracidade. Se antes o desafio era capturar o real com fidelidade, hoje a fotografia convive com imagens que não necessariamente têm qualquer referência direta com o mundo visível. A fronteira entre fotografia e ilustração digital tornou-se difusa, e o conceito mesmo de “fotografia” passou a englobar uma diversidade de práticas visuais.

Entrementes, o advento dos smartphones tornou a fotografia uma linguagem cotidiana. Bilhões de imagens são feitas, editadas e compartilhadas todos os dias. Fotografar tornou-se uma extensão da experiência, um modo de marcar presença, de comunicar sentimentos, de construir uma identidade pública. Redes sociais

como Instagram, TikTok e Facebook transformaram a imagem fotográfica em moda de troca simbólica e afetiva.

Nesse contexto, surgem novos hábitos, como a curadoria da própria vida, o uso intensivo de filtros de beleza, a busca por likes e validação social. A fotografia, outrora reservada a ocasiões especiais, tornou-se onipresente, muitas vezes banalizada, mas ainda central na maneira como nos relacionamos com o mundo e conosco mesmos.

Conquanto a popularização massiva, ou talvez por causa dela, a fotografia contemporânea continua a ser um espaço de produção crítica e artística. Muitos fotógrafos utilizam a imagem como ferramenta para questionar a sociedade, o consumo, a política e as representações de gênero, raça e classe. Projetos autorais propõem novas formas de olhar para o cotidiano, resgatam memórias coletivas, desconstroem estereótipos e promovem diálogos interculturais. A fotografia é usada em instalações, performances, exposições imersivas, livros de artista e plataformas digitais, mostrando sua versatilidade e adaptabilidade

. Ela dialoga com outras linguagens, como o vídeo, a pintura, o design e, mais recentemente, a inteligência artificial. Com isso, sua identidade torna-se ainda mais fluida e expansiva.

Entretanto, faz-se mister lembrar de que a fotografia não é neutra. Toda imagem é resultado de uma escolha: o que se mostra e o que se oculta, quem fotografa e quem é fotografado, com qual intenção, em que contexto. A fotografia é uma construção, um ponto de vista, uma leitura do mundo. Como nos lembra Susan Sontag, ao fotografar, o sujeito exerce um poder sobre o objeto retratado, congelando-o em uma representação que será vista, julgada, compartilhada e, eventualmente, arquivada.

Por conseguinte, refletir criticamente sobre a fotografia é fundamental, especialmente em uma época marcada pela superabundância de imagens e pela aceleração da comunicação visual.

Neste cenário, pensar a fotografia como arte visual e dispositivo tecnológico é reconhecer sua natureza complexa e multifacetada. Ela é, simultaneamente, ferramenta e linguagem, máquina e sensibilidade, registro e invenção. Seu poder reside justamente na tensão entre o que revela e o que sugere, entre a aparência e a interpretação. A fotografia nos ensina a ver — e a rever — o mundo, operando como uma janela, mas também como um espelho.

Em epítome, a fotografia é uma forma de mediação entre o olhar humano e a realidade. Ela transforma o tempo em imagem, o instante em memória, o visível em narrativa. Seja em preto e branco ou em cores vibrantes, analógica ou digital, artística ou documental, ela continua a provocar, a emocionar, a fazer pensar.

Seu percurso histórico, sua potência estética e sua ubiquidade na vida cotidiana atestam sua importância como uma das mais marcantes expressões visuais da era moderna e contemporânea.

Por final, mais do que uma técnica, mais do que uma arte, a fotografia é uma linguagem viva — e, como tal, continua a ser reinventada a cada clique.

2

ENSINO E PESQUISA EM ARTES VISUAIS: uma discussão na literatura científica

**VISUAL ARTS TEACHING AND RESEARCH: a
discussion in the scientific literature**

RESUMO

O ensino de Artes Visuais desempenha um papel essencial na formação cultural, estética e crítica dos indivíduos, refletindo mudanças históricas e abordagens pedagógicas diversificadas. Este artigo analisa a evolução do ensino das Artes Visuais, desde suas origens até as metodologias contemporâneas, destacando o impacto de pensadores como Viktor Lowenfeld, Ana Mae Barbosa e Elliot Eisner. A relação entre teoria e prática no ensino artístico é abordada, enfatizando a importância da integração entre produção artística e reflexão teórica. Além disso, discute-se o papel das Artes Visuais na formação crítica e criativa dos estudantes, considerando os desafios e perspectivas para a área no contexto educacional atual. O estudo se baseia em uma revisão bibliográfica, oferecendo um panorama sobre as tendências e contribuições do ensino de Artes Visuais para a educação e a sociedade.

Palavras-chave: ensino de artes visuais; metodologias pedagógicas; educação artística; formação crítica; produção artística.

ABSTRACT

The teaching of Visual Arts plays an essential role in the cultural, aesthetic, and critical formation of individuals, reflecting historical changes and diverse pedagogical approaches. This article analyzes the evolution of Visual Arts education, from its origins to contemporary methodologies, highlighting the impact of thinkers such as Viktor Lowenfeld, Ana Mae Barbosa, and Elliot Eisner. The relationship between theory and practice in artistic education is addressed, emphasizing the importance of integrating artistic production and theoretical reflection. Additionally, the role of Visual Arts in students' critical and creative development is discussed, considering the challenges and perspectives for the field in the current educational context. This study is based on a bibliographic review, providing an overview of the trends and contributions of visual arts education to education and society.

Keywords: visual arts education; pedagogical methodologies; artistic education; critical formation; artistic production.

INTRODUÇÃO

O ensino e a pesquisa em Artes Visuais têm se consolidado como campos fundamentais dentro da educação e da produção de conhecimento, contribuindo não apenas para a formação estética e criativa dos indivíduos, mas também para o desenvolvimento de uma visão crítica e reflexiva sobre a sociedade. No contexto acadêmico, as Artes Visuais ocupam um espaço relevante ao promoverem interações entre diversas áreas do conhecimento, como a história da arte, a antropologia, a filosofia e a tecnologia, possibilitando abordagens interdisciplinares e inovadoras. Além disso, no ambiente educacional, o ensino das Artes Visuais desempenha um papel essencial na formação dos alunos, estimulando a expressão, a experimentação e a interpretação simbólica do mundo.

Diante desse panorama, torna-se crucial investigar como o ensino e a pesquisa em Artes Visuais vêm sendo abordados na literatura científica. Compreender as tendências, desafios e contribuições dessa área permite não apenas aprofundar o debate acadêmico, mas também fornecer subsídios para aprimorar as práticas pedagógicas e os métodos de pesquisa. A relevância desse estudo se justifica pela necessidade de fortalecer a presença das Artes Visuais na educação formal e na produção científica, considerando o impacto das novas tecnologias, das metodologias contemporâneas e das transformações sociais na maneira como a arte é ensinada e pesquisada.

A questão norteadora desta pesquisa é: como o ensino e a pesquisa em Artes Visuais são discutidos na literatura científica? A partir dessa problematização, o presente artigo tem como objetivos: (i) analisar as principais abordagens sobre ensino e pesquisa em Artes Visuais presentes na literatura acadêmica; (ii) identificar os desafios e avanços no campo; e (iii) discutir as perspectivas futuras para a área, considerando sua intersecção com diferentes metodologias e contextos educacionais.

Para responder a essas questões, a metodologia utilizada consiste em uma revisão bibliográfica fundamentada na análise de literatura científica sobre o ensino e a pesquisa em Artes Visuais. Serão considerados artigos publicados em periódicos acadêmicos, livros e dissertações que abordem a temática, buscando compreender os principais conceitos, perspectivas teóricas e tendências atuais do campo. A análise se baseia na identificação e categorização das abordagens mais recorrentes, permitindo uma visão ampla sobre a produção científica da área. Dessa forma, o presente artigo pretende contribuir para o debate acadêmico, fornecendo uma visão abrangente e crítica sobre a relação entre ensino e pesquisa em Artes Visuais, suas implicações educacionais e seus desafios contemporâneos.

ENSINO DE ARTES VISUAIS: FUNDAMENTOS E PERSPECTIVAS

O ensino de Artes Visuais possui uma trajetória marcada por transformações sociais, culturais e pedagógicas, tanto no Brasil quanto no mundo. No contexto internacional, a disciplina surgiu vinculada a modelos europeus de educação artística, inicialmente centrados no domínio técnico e na reprodução de cânones estéticos. Durante o século XIX, escolas como a Bauhaus (Alemanha) e o movimento Arts and Crafts (Reino Unido) revolucionaram a abordagem ao integrar arte, design e artesanato, valorizando a criatividade e a funcionalidade (Read, 2013). Já no século XX, teóricos como Viktor Lowenfeld defenderam uma educação artística baseada no desenvolvimento cognitivo e expressivo da criança, influenciando metodologias ativas e centradas no estudante (Eisner, 2002).

No Brasil, o ensino de Artes Visuais acompanhou as mudanças políticas e educacionais do país. Durante o período colonial, a arte era restrita a formações religiosas e ofícios, sem caráter escolarizado. Com a chegada da Missão Artística Francesa (1816), consolidou-se um modelo acadêmico, focado no desenho e na cópia de modelos europeus. Apenas no século XX, com as reformas educacionais e a influência dos movimentos modernistas, a arte passou a ser vista como parte essencial da formação integral. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996 representou um marco ao incluir a Arte como disciplina obrigatória na educação básica, embora ainda enfrentasse desafios como a falta de formação específica dos docentes e a marginalização da área no currículo (Barbosa, 2015).

As principais abordagens pedagógicas no ensino de Artes Visuais refletem correntes teóricas distintas. A abordagem tradicional, herdada do século XIX, priorizava a técnica e a mimese, enquanto a proposta triangular (Barbosa, 1991) – baseada em criar, apreciar e contextualizar – trouxe uma perspectiva mais crítica e reflexiva. Autores como Ana Mae Barbosa defendem que a arte-educação deve superar a mera reprodução de habilidades manuais, integrando análise histórica, cultural e estética. Já as abordagens contemporâneas, influenciadas por teorias pós-estruturalistas e decoloniais, questionam hierarquias artísticas e valorizam a diversidade cultural, propondo práticas pedagógicas que incluam manifestações populares, indígenas e afro-brasileiras (Hernández, 2007).

A relação entre teoria e prática no ensino de Artes Visuais é um eixo central de debate. Enquanto alguns modelos separam o estudo da história da arte da produção artística, correntes atuais defendem uma integração dialógica. Para Elliot Eisner (2002), a experiência estética deve ser acompanhada por reflexão crítica, permitindo que os estudantes compreendam não apenas “como fazer”, mas “por que fazer”. Essa perspectiva é reforçada por práticas como a *al/r/tografia*, que entende a pesquisa em arte como um processo contínuo de criação e investigação (Irwin;

Coleman, 2012). Em sala de aula, isso se traduz em atividades que conectam produção visual com discussões sobre identidade, sociedade e tecnologia, rompendo com dicotomias entre fazer e pensar.

O papel das Artes Visuais na formação crítica e criativa dos estudantes é amplamente reconhecido na literatura. Além de desenvolver habilidades motoras e sensoriais, a disciplina estimula o pensamento divergente, a resolução de problemas e a empatia. Conforme argumenta John Dewey (2010), a arte é uma forma de conhecimento que permite experienciar o mundo de modo singular, questionando padrões estabelecidos. No contexto brasileiro, pesquisadores ressaltam que a arte-educação pode ser uma ferramenta de resistência, especialmente em realidades marcadas por desigualdades. Ao trabalhar com temas como memória, território e direitos humanos, os estudantes são convidados a se reconhecer como agentes culturais e políticos (Ferraz; Fusari, 2017). Contudo, persistem desafios como a escassez de recursos, a desvalorização da área e a necessidade de formação docente continuada, aspectos que demandam políticas públicas consistentes.

Desse modo, conforme pontua Irwin e Coleman (2012), o ensino de Artes Visuais é um campo dinâmico, que oscila entre heranças históricas e inovações pedagógicas. Seu potencial transformador reside na capacidade de articular saberes sensíveis, críticos e técnicos, contribuindo para uma educação integral e emancipatória.

PESQUISA EM ARTES VISUAIS: TENDÊNCIAS E ABORDAGENS

A pesquisa em Artes Visuais ocupa um espaço singular no campo acadêmico, pois articula processos criativos, reflexões teóricas e investigações metodológicas que transcendem os paradigmas tradicionais das ciências exatas e humanas. Sua importância reside na capacidade de gerar conhecimento tanto a partir da prática artística quanto da análise crítica, contribuindo para a compreensão da arte como fenômeno cultural, educativo e social. Segundo estudiosos da área, a pesquisa em Artes Visuais não se limita à produção de objetos estéticos, mas envolve a sistematização de saberes que dialogam com a história da arte, a educação, a filosofia e as ciências sociais (Barbosa, 2012; Hernández, 2007).

Dentre os métodos mais recorrentes na pesquisa em Artes Visuais, destaca-se a pesquisa-ação, que integra prática artística e reflexão crítica, permitindo ao pesquisador-artista intervir diretamente em contextos educativos ou sociais. Esse método tem sido amplamente utilizado em estudos que investigam o ensino de artes, pois possibilita a análise de processos pedagógicos em tempo real, como demonstram trabalhos desenvolvidos em ambientes escolares e comunitários (Os-

tetto, 2014). Outra abordagem relevante é a pesquisa etnográfica, que busca compreender as dinâmicas culturais e simbólicas presentes nas produções artísticas, especialmente em estudos sobre arte indígena, afro-brasileira ou urbana. A observação participante e os registros audiovisuais são frequentemente empregados nesse tipo de investigação, permitindo uma imersão no cotidiano dos sujeitos pesquisados (Martins, 2018). Já a fenomenologia tem sido adotada em pesquisas que exploram a experiência estética, investigando como o público percebe e interpreta obras de arte, seja em galerias, museus ou espaços virtuais (Pillar, 2013).

Na atualidade, as principais linhas de pesquisa em Artes Visuais podem ser agrupadas em três eixos principais: processos criativos e poéticas visuais, que investigam a produção artística contemporânea em suas múltiplas linguagens (pintura, fotografia, videoarte, etc.); arte-educação e mediação cultural, que discutem metodologias de ensino, políticas públicas e formação docente; e crítica e curadoria, que analisam discursos curatoriais, expográficos e historiográficos. Essas linhas evidenciam a pluralidade temática da área, assim como sua interdisciplinaridade, uma vez que dialogam com campos como a antropologia, a comunicação e os estudos culturais (Freire, 2019; Fusari, 2015).

A interseção entre ensino e pesquisa em Artes Visuais tem sido cada vez mais enfatizada na produção acadêmica, sobretudo em programas de pós-graduação que valorizam a indissociabilidade entre teoria e prática. Nesse sentido, a pesquisa não apenas fundamenta o ensino, mas também se alimenta dele, gerando ciclos contínuos de experimentação e reflexão. Projetos desenvolvidos em ateliês pedagógicos, por exemplo, ilustram como a investigação artística pode transformar-se em ferramenta didática, promovendo aprendizagens significativas tanto para alunos quanto para professores (Barbosa, 2015). Além disso, a crescente incorporação de tecnologias digitais no ensino de artes tem aberto novas frentes de pesquisa, como os estudos sobre arte e inteligência artificial, realidade virtual e cultura visual digital (Santaella, 2020).

Em síntese, Pillar (2013) reitera que a pesquisa em Artes Visuais se caracteriza por sua diversidade metodológica e temática, refletindo as complexidades da produção artística contemporânea. Seus desafios incluem a consolidação de referenciais teórico-metodológicos específicos e a maior articulação entre universidades, escolas e espaços culturais. No entanto, seu potencial transformador no campo educacional e social reforça a necessidade de investimentos em políticas de fomento e divulgação científica.

ENSINO E PESQUISA EM ARTES VISUAIS NA LITERATURA CIENTÍFICA

O ensino e a pesquisa em Artes Visuais têm sido amplamente discutidos na literatura científica, revelando um campo em constante transformação, marcado por avanços teóricos e metodológicos, mas também por desafios estruturais e epistemológicos. A produção acadêmica sobre o tema permite identificar tendências, fundamentos teóricos e lacunas que orientam tanto a prática pedagógica quanto a investigação científica na área.

Um levantamento das pesquisas acadêmicas demonstra que o ensino de Artes Visuais no Brasil tem sido influenciado por correntes teóricas que valorizam a criatividade, a expressão individual e a contextualização cultural. Segundo Barbosa (1984), uma abordagem eficaz deve integrar a leitura de imagens, a produção artística e a reflexão crítica, superando modelos tradicionais baseados apenas na técnica. Essa perspectiva se alinha às ideias de Eisner (2008), para quem a educação artística deve desenvolver o pensamento estético e a capacidade de interpretação simbólica, elementos fundamentais para a formação integral do indivíduo.

No âmbito da pesquisa em Artes Visuais, observa-se uma diversificação de abordagens, desde estudos históricos e iconográficos até investigações sobre práticas contemporâneas, tecnologias digitais e arte-educação inclusiva. Conforme Hernández (2000), a imagem não deve ser apenas objeto de estudo, mas também ferramenta de investigação, ampliando as possibilidades metodológicas por meio de narrativas visuais e produções artísticas como dados analíticos.

Apesar dos avanços, persistem desafios significativos na produção científica da área. Um deles é a escassez de pesquisas longitudinais sobre os impactos do ensino de Artes Visuais no desenvolvimento cognitivo e socioafetivo dos estudantes. Além disso, há uma carência de estudos que articulem teoria e prática de forma sistemática, especialmente em contextos escolares com poucos recursos (Barbosa, 1984). Outro obstáculo é a fragmentação entre as pesquisas acadêmicas e as demandas reais das salas de aula, como apontam estudos recentes sobre formação docente e metodologias inovadoras (Eisner, 2008).

A literatura também destaca a necessidade de maior diálogo interdisciplinar, envolvendo campos como Psicologia, Antropologia e Estudos Culturais, para enriquecer as abordagens teóricas. Nesse sentido, Freire (1996) e Gardner (1999) contribuem para debates sobre a função social da arte e suas interfaces com a educação multicultural. Além disso, pesquisas recentes exploram o potencial das tecnologias digitais no ensino de Artes Visuais, discutindo desde softwares de criação até linguagens como videoarte e grafite digital (Hernández, 2000).

Barbosa (1984) observa que o mapeamento da literatura científica revela um

campo dinâmico, porém com obstáculos relacionados à valorização da área, à interdisciplinaridade e à aplicação prática das pesquisas. Os estudos analisados reforçam a importância de políticas públicas que fortaleçam a arte-educação, além da necessidade de maior investimento em pesquisas empíricas que avaliem os efeitos das metodologias de ensino na aprendizagem.

Há, também, de se observar, conforme versa a literatura científica em alguns estudos, que o ensino e a pesquisa em Artes Visuais enfrentam desafios estruturais e epistemológicos que impactam sua consolidação acadêmica e prática pedagógica. Entre as principais dificuldades está a desvalorização histórica da disciplina no currículo escolar, frequentemente tratada como atividade complementar em detrimento de áreas consideradas “essenciais” (Barbosa, 2012).

Essa marginalização reflete-se na escassez de recursos materiais, como espaços adequados para ateliês e acervos artísticos, e na formação deficitária de professores, muitos dos quais não possuem especialização específica em Artes Visuais (Hernández, 2007). Além disso, a pesquisa na área sofre com a fragmentação teórico-metodológica, oscilando entre abordagens puramente técnicas e análises críticas desconectadas da prática educativa (Eisner, 2008). A falta de políticas públicas consistentes para a área agrava esse cenário, limitando a produção de conhecimento e sua aplicação em contextos escolares e não escolares.

A ascensão das tecnologias digitais tem reconfigurado tanto o ensino quanto a pesquisa em Artes Visuais, introduzindo novos paradigmas e contradições. Por um lado, ferramentas como softwares de edição de imagem, realidade virtual e plataformas colaborativas ampliam as possibilidades de criação e difusão artística, democratizando o acesso a técnicas antes restritas a espaços especializados (Martins; Tourinho, 2011). Por outro, a incorporação dessas tecnologias esbarra na resistência de instituições tradicionais, que nem sempre dispõem de infraestrutura ou formação docente para integrá-las criticamente ao currículo (Santaella, 2013). A pesquisa também é impactada, com o surgimento de metodologias híbridas que combinam análise visual tradicional com algoritmos de processamento de imagens, embora persista o debate sobre a superficialidade de algumas análises mediadas por inteligência artificial (Manovich, 2016).

Não obstante, o processo de inserção das tecnologias digitais no campo das Artes Visuais tem reconfigurado profundamente tanto os processos de ensino quanto as metodologias de pesquisa, criando novos paradigmas de criação, difusão e análise artística (Rush, 2020). Essa transformação não se limita à mera substituição de técnicas tradicionais por ferramentas digitais, mas implica uma redefinição dos próprios conceitos de produção e recepção artística, além de exigir uma revisão crítica dos modelos pedagógicos e das abordagens investigativas na área.

No âmbito do ensino, as tecnologias digitais têm democratizado o acesso a re-

cursos e técnicas antes restritos a espaços especializados. Programas de edição de imagem, modelagem 3D e realidade virtual, por exemplo, permitem que estudantes explorem linguagens visuais complexas sem a necessidade de materiais físicos caros ou infraestruturas elaboradas (Peixoto, 2018). No entanto, essa acessibilidade não garante, por si só, uma formação crítica. Como alerta Santaella (2013), a simples incorporação de ferramentas digitais nas aulas de arte, sem uma reflexão sobre suas implicações culturais e estéticas, pode resultar em práticas superficiais que negligenciam o potencial transformador da educação artística.

Na pesquisa em Artes Visuais, as tecnologias digitais têm possibilitado abordagens inovadoras, como a análise computacional de grandes conjuntos de imagens (Manovich, 2016) e a criação de bancos de dados visuais colaborativos (Fernandes, 2019). Esses métodos ampliam as possibilidades de investigação, permitindo identificar padrões e tendências em produções artísticas que antes demandavam análises manuais demoradas. Contudo, surgem questionamentos sobre até que ponto a mediação algorítmica pode simplificar leituras contextuais essenciais para a compreensão das obras (Rush, 2020).

O desafio atual reside em equilibrar o uso dessas tecnologias com uma fundamentação teórica sólida. Como sugere Barbosa (2012), a tecnologia na arte-educação deve ser um meio, não um fim em si mesmo - ferramentas para expandir a criatividade e o pensamento crítico, nunca para substituí-los.

Nesse contexto, a interdisciplinaridade emerge como caminho fértil para inovação, conectando as Artes Visuais a campos como a neurociência, a antropologia e a computação. Projetos que articulam arte e educação ambiental, por exemplo, demonstram como linguagens visuais podem potencializar a conscientização sobre crises ecológicas (Oliveira, 2015). Da mesma forma, a colaboração entre artistas e cientistas tem gerado pesquisas pioneiras em visualização de dados, onde conceitos abstratos ganham forma por meio de instalações interativas (Fernandes, 2019). Essas iniciativas, contudo, exigem flexibilidade institucional para transcender as barreiras disciplinares e repensar modelos avaliativos ainda centrados em produtos artísticos convencionais.

As tendências futuras para a área apontam para uma crescente hibridização entre o analógico e o digital, com ênfase em processos colaborativos e imersivos. A realidade aumentada, por exemplo, começa a ser explorada em pesquisas sobre percepção estética, enquanto plataformas de arte generativa desafiam noções tradicionais de autoria (Rush, 2020). Paralelamente, movimentos decoloniais têm pressionado por uma revisão dos cânones artísticos, incorporando saberes não ocidentais e práticas comunitárias ao ensino e à pesquisa (Quijano, 2009). Essas transformações, porém, demandam investimentos em formação docente e infraestrutura, além de um diálogo mais orgânico entre universidades, escolas e espaços culturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo, discutimos os desafios, transformações e possibilidades que permeiam o ensino e a pesquisa em Artes Visuais, destacando sua complexidade e relevância no cenário educacional e acadêmico contemporâneo. Partindo de uma análise crítica das dificuldades enfrentadas na implementação de práticas pedagógicas e investigativas, passando pelo impacto das tecnologias digitais e pelas potencialidades da interdisciplinaridade, até as tendências emergentes na área, buscamos oferecer um panorama abrangente e reflexivo sobre o estado atual e os futuros possíveis das Artes Visuais.

Os achados desta pesquisa evidenciam que, apesar dos avanços teóricos e metodológicos, o ensino de Artes Visuais ainda sofre com a marginalização curricular e a falta de recursos estruturais, fatores que limitam sua plena integração na formação educacional. A pesquisa, por sua vez, enfrenta desafios como a fragmentação epistemológica e a necessidade de maior diálogo entre teoria e prática. No entanto, observa-se que as tecnologias digitais têm aberto novos horizontes para a criação, a difusão e a análise artística, ainda que sua incorporação exija formação docente adequada e infraestrutura tecnológica acessível. Além disso, a interdisciplinaridade surge como um caminho promissor para inovar tanto no ensino quanto na pesquisa, conectando as Artes Visuais a outras áreas do conhecimento e ampliando seu impacto social.

Diante desse cenário, sugerem-se algumas perspectivas para estudos futuros. Em primeiro lugar, é fundamental investigar mais profundamente as estratégias de formação docente em Artes Visuais, especialmente no que diz respeito ao uso crítico de tecnologias digitais e abordagens interdisciplinares. Pesquisas que explorem modelos híbridos de ensino, combinando práticas presenciais e virtuais, podem contribuir para a construção de metodologias mais inclusivas e adaptáveis a diferentes contextos educacionais. Além disso, estudos de caso sobre experiências bem-sucedidas de integração entre arte, ciência e tecnologia podem oferecer insights valiosos para a elaboração de políticas públicas e projetos pedagógicos inovadores.

Outra linha de pesquisa relevante reside na análise das implicações éticas e estéticas do uso de inteligência artificial e outras tecnologias emergentes na criação e no estudo das Artes Visuais. Como essas ferramentas estão redefinindo conceitos como autoria, originalidade e percepção artística? Questões como essas demandam investigações aprofundadas, capazes de articular reflexões teóricas com experimentações práticas.

Por final, importa destacar a necessidade de pesquisas que abordem as Artes Visuais sob uma perspectiva decolonial, valorizando saberes tradicionais e práticas artísticas não ocidentais, muitas vezes excluídas dos currículos e dos debates

acadêmicos hegemônicos.

Em epítome, este artigo reforça a importância de se pensar o ensino e a pesquisa em Artes Visuais como campos dinâmicos e em constante transformação, que exigem investimentos contínuos em formação, infraestrutura e inovação metodológica. As discussões aqui apresentadas não esgotam as possibilidades de investigação, mas buscam apontar caminhos para futuros desenvolvimentos, na esperança de que as Artes Visuais possam ocupar o lugar central que merecem na educação e na produção de conhecimento.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Ana Mae. **Arte-educação: conflitos/acertos**. São Paulo: Max Limonad, 1991.
- BARBOSA, Ana Mae. **Arte-educação no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte*. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- DEWEY, John. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- EISNER, Elliot W. *The arts and the creation of mind*. New Haven: Yale University Press, 2002.
- EISNER, E. W. **Art and creativity**. New York: Teachers College Press, 2008.
- FERNANDES, C. S. **Arte e ciência: diálogos possíveis**. Porto Alegre: UFRGS, 2019.
- FERRAZ, Maria Heloísa C. de T.; FUSARI, Maria F. de R. *Metodologia do ensino de arte*. São Paulo: Cortez, 2017.
- FREIRE, Cristina. **Arte conceitual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2019.
- FUSARI, Maria F. de Rezende. **Metodologia do ensino de arte**. São Paulo: Cortez, 2015.
- HERNÁNDEZ, Fernando. *Catadores da cultura visual*. Porto Alegre: Mediação, 2007.
- IRWIN, Rita L.; COLEMAN, Kathryn. *A/r/tografia como prática de pesquisa baseada em arte*. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). *Arte/educação como mediação cultural e social*. São Paulo: Editora UNESP, 2012.
- MANOVICH, L. **Software takes command**. Londres: Bloomsbury, 2016.
- MARTINS, R.; TOURINHO, I. **Educação da cultura visual: narrativas do ensino e da pesquisa**. Santa Maria: UFSM, 2011.
- MARTINS, Mirian Celeste. **Didática do ensino da arte: a língua do mundo**. São Paulo: FTD, 2018.
- OLIVEIRA, M. A. **Arte, ecologia e educação**. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- OSTETTO, Luciana. **Educação, arte e jogo**. Campinas: Papirus, 2014.
- PEIXOTO, J. **Arte digital na educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

PILLAR, Analice Dutra. **A educação do olhar no ensino das artes**. Porto Alegre: Mediação, 2013.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, B. S. (Org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009.

READ, Herbert. *A educação pela arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

RUSH, M. **Novas mídias na arte contemporânea**. São Paulo: Martins Fontes, 2020

SANTAELLA, Lúcia. **Arte e cultura pós-digital**. São Paulo: Paulus, 2020.

3

ARQUITETURA PORTUGUESA NO LITORAL CATARINENSE

Em primeiro lugar, a arquitetura portuguesa no litoral catarinense desempenhou um papel crucial na formação das cidades e vilarejos da região, sendo um legado que ainda hoje se faz presente em edificações, monumentos e no próprio traçado urbano. A colonização portuguesa, que começou a se intensificar no século XVIII, trouxe consigo um estilo arquitetônico influenciado pelas tradições lusitanas, adaptado às condições locais, ao clima e aos materiais disponíveis.

Destarte, a influência mais notável da arquitetura portuguesa no litoral de Santa Catarina está nas casas e prédios coloniais, que apresentam características típicas como fachadas simétricas, telhados de duas águas e janelas com vergas retas ou em arco. Essas construções, muitas vezes simples, eram feitas com técnicas tradicionais portuguesas, como a taipa de pilão, e adaptadas às necessidades do clima tropical, incorporando elementos como varandas e beirais largos para proteção contra a chuva e o sol.

Ademais, entre os exemplos mais representativos desse legado estão as cidades de São Francisco do Sul e Laguna, onde é possível encontrar um rico acervo de edificações históricas. São Francisco do Sul, fundada em 1658, é uma das cidades mais antigas do Brasil e preserva um centro histórico com construções que remetem ao estilo colonial português, como a Igreja Matriz Nossa Senhora da Graça, um ícone da arquitetura religiosa na região.

Em Laguna, a cidade natal de Anita Garibaldi, os sobrados e casarões coloniais que margeiam suas ruas estreitas são testemunhos da prosperidade econômica da época e do gosto arquitetônico português.

Por conseguinte, o traçado urbano das cidades também reflete a influência portuguesa. A disposição das ruas em padrões irregulares, muitas vezes adaptados ao relevo acidentado do litoral, contrastava com o modelo de urbanismo regular que seria introduzido posteriormente pelos colonizadores de outras nacionalidades. Essa característica pode ser observada, por exemplo, nas cidades de Santo Antônio de Lisboa e Ribeirão da Ilha, em Florianópolis, que preservam a essência de vilas de pescadores, com ruas estreitas, calçadas de pedras e casas pintadas em tons de branco e azul, típicos da tradição portuguesa.

A par das edificações residenciais e religiosas, outro aspecto importante da arquitetura portuguesa no litoral catarinense são os fortes e fortificações construídos para defender a região de invasões estrangeiras, principalmente francesas e espanholas.

O dispositivo defensivo de Santa Catarina, que inclui o Forte de Santa Cruz de Anhatomirim e o Forte de São José da Ponta Grossa, localizados em Florianópolis, é um exemplo da engenharia militar portuguesa, projetada para proteger a entrada da Baía Norte e garantir o controle sobre as rotas marítimas.

De outro vértice, a arquitetura portuguesa não se restringiu apenas às construções civis e militares. As igrejas e capelas erguidas pelos colonizadores são outros marcos fundamentais dessa herança.

Comumente construídas no topo de colinas ou em pontos estratégicos das vilas, as igrejas eram o centro das atividades religiosas e sociais das comunidades. A simplicidade das fachadas e o uso de materiais locais contrastavam com a riqueza dos altares e das talhas douradas, que revelam a forte influência barroca que permeou a arquitetura religiosa portuguesa do período colonial.

Esse patrimônio arquitetônico foi sendo preservado e, em alguns casos, restaurado ao longo dos séculos. O reconhecimento da importância histórica dessas construções, somado ao interesse crescente pelo turismo cultural, tem contribuído para a valorização da arquitetura portuguesa no litoral catarinense. Hoje, cidades como São Francisco do Sul, Laguna e Florianópolis atraem visitantes interessados em conhecer e apreciar essas relíquias do passado.

Em epítome, a arquitetura portuguesa no litoral catarinense é um testemunho vivo da história e da cultura que moldaram a região. As influências

trazidas pelos colonizadores lusitanos se fundiram com o ambiente natural e social local, resultando em um estilo único que continua a encantar e a inspirar gerações.

Por final, a preservação desse legado é essencial para manter viva a memória de um período que foi determinante na formação da identidade cultural e arquitetônica de Santa Catarina.

4

ARTE DA PINTURA: uma compreensão do seu contexto como espelho da sociedade

**THE ART OF PAINTING: an understanding of its
context as a mirror of society**

RESUMO

Este artigo aborda a pintura como um reflexo dos valores culturais e comportamentais ao longo da história, explorando como obras de diferentes períodos históricos têm representado e questionado normas sociais, políticas e morais. A análise de obras clássicas como revela como a pintura tem sido usada tanto para reforçar ideais dominantes, como a religiosidade e os padrões de gênero, quanto para contestar e subverter essas convenções. A partir da discussão dessas obras, o artigo também reflete sobre o papel da pintura na contemporaneidade, destacando a arte digital e a influência da globalização na produção artística, além de abordar questões de identidade, diversidade cultural e o mercado de arte. A análise demonstra que, embora a pintura tenha evoluído ao longo do tempo, ela continua a ser um meio essencial de expressão e contestação, oferecendo uma janela para as transformações sociais. O artigo também sugere direções para estudos futuros, como a exploração do impacto da arte digital na cultura e a representação de grupos minorizados, reforçando o papel contínuo da pintura na compreensão e no questionamento das estruturas sociais.

Palavras-chave: pintura; valores culturais; história da arte; identidade e diversidade cultural.

ABSTRACT

This article addresses painting as a reflection of cultural and behavioral values throughout history, exploring how works from different historical periods have represented and questioned social, political, and moral norms. The analysis of classical works reveals how painting has been used both to reinforce dominant ideals, such as religiosity and gender norms, and to challenge and subvert these conventions. From the discussion of these works, the article also reflects on the role of painting in contemporary times, highlighting digital art and the influence of globalization on artistic production, as well as addressing issues of identity, cultural diversity, and the art market. The analysis shows that, although painting has evolved over time, it remains an essential means of expression and contestation, offering a window into social transformations. The article also suggests directions for future studies, such as exploring the impact of digital art on culture and the representation of marginalized groups, emphasizing the ongoing role of painting in understanding and questioning social structures.

Keywords: painting; cultural values; art history; identity and cultural diversity.

INTRODUÇÃO

Preliminarmente, a pintura, ao longo da história, tem sido uma das formas mais expressivas de manifestação cultural, servindo não apenas como meio de comunicação artística, mas também como um registro visual das sociedades em diferentes períodos. Através das obras pictóricas, é possível compreender aspectos essenciais da cultura, como vestimentas, padrões de beleza e valores sociais que caracterizam determinada época.

Destarte, a arte não se limita ao estético, mas funciona como um espelho da sociedade, refletindo seus costumes, crenças e transformações ao longo do tempo.

Estudar a pintura sob essa perspectiva se configura fundamental para compreender a evolução social e cultural da humanidade. As obras artísticas carregam em si um contexto histórico e simbólico que permite aos pesquisadores analisarem não apenas a técnica e a criatividade dos artistas, mas também as estruturas sociais e ideológicas de diferentes períodos.

O estudo da relação entre pintura e sociedade contribui para a valorização da arte como fonte histórica e ferramenta de interpretação cultural, ampliando as possibilidades de leitura sobre a identidade e os valores de cada civilização.

Partindo dessa premissa, a problemática central deste artigo busca responder de que maneira a pintura representa elementos culturais, como a moda, os padrões estéticos e as concepções sociais de cada época. A hipótese principal sugere que os quadros de diferentes períodos não apenas ilustram a realidade de seus respectivos tempos, mas também revelam ideais e normas culturais que influenciaram e foram influenciados pela sociedade. Dessa forma, a pintura pode ser analisada como um documento visual que traduz a mentalidade coletiva, sendo um indicador das mudanças socioculturais ao longo da história.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, será utilizada a metodologia de revisão bibliográfica, baseada na análise de fontes acadêmicas e artísticas que discutem a relação entre pintura e cultura. Serão examinadas obras de diferentes períodos históricos, com o intuito de identificar padrões de vestimentas, beleza e valores sociais representados nas composições artísticas. A pesquisa também se apoiará em estudos que analisam a pintura como instrumento de representação simbólica e de construção de narrativas culturais.

Por conseguinte, o precípuo escopo deste artigo consiste em demonstrar como a pintura reflete e registra elementos culturais, permitindo compreender os costumes, crenças e padrões estéticos das sociedades ao longo do tempo. A partir dessa abordagem, busca-se ressaltar a importância da arte pictórica como fonte de conhecimento histórico e como um meio de interpretação das transformações sociais.

Ao analisar as pinturas sob essa ótica, pretende-se evidenciar que a arte não é apenas uma manifestação criativa, mas também um reflexo das dinâmicas culturais e sociais que moldam a humanidade.

A PINTURA COMO REGISTRO CULTURAL

A pintura, ao longo da história, tem desempenhado um papel fundamental como documento visual das sociedades, registrando costumes, crenças e valores culturais de diferentes épocas.

Segundo Gombrich (2012), a arte não apenas reflete a sociedade em que é produzida, mas também contribui para a construção de sua identidade cultural, servindo como um espelho das transformações políticas, sociais e econômicas. Nesse sentido, as obras pictóricas oferecem uma valiosa fonte de análise histórica, permitindo compreender não apenas os aspectos estéticos de uma civilização, mas também suas dinâmicas sociais e ideológicas.

A relação entre arte e cultura é profundamente simbiótica, pois os artistas, ao absorverem as influências do meio em que vivem, traduzem-nas em suas composições. Panofsky (1995) destaca que a pintura carrega significados que vão além do que é representado visualmente, inserindo-se em um contexto mais amplo de interpretação cultural. Dessa forma, a vestimenta, a postura dos retratados, os objetos e os cenários em uma pintura não são meramente decorativos, mas refletem valores e crenças predominantes da sociedade à qual pertencem.

Um exemplo clássico é a reside na obra *Las Meninas*, de Diego Velázquez, na qual a disposição dos personagens e os detalhes da indumentária oferecem uma visão aprofundada sobre a estrutura hierárquica da corte espanhola do século XVII (Carr-Gomm, 2018).

A interpretação simbólica das obras pictóricas permite identificar elementos culturais que, muitas vezes, ultrapassam as intenções do artista, tornando-se registros involuntários de práticas sociais e religiosas. Segundo Hauser (2003), a pintura pode ser analisada sob a perspectiva da sociologia da arte, na medida em que cada detalhe inserido na composição reflete uma escolha consciente ou inconsciente do artista, baseada nas convenções e nas expectativas da época.

O uso da iconografia religiosa no período medieval, à guisa de exemplo, não apenas reforçava a fé cristã, mas também servia como ferramenta de ensino para uma população majoritariamente analfabeta. Já na Renascença, a crescente valorização do humanismo resultou em retratos mais individualizados, nos quais os artistas buscavam captar a personalidade e o status social dos representados, como observado nas obras de Leonardo da Vinci e Rafael (Burke, 2004).

Destarte,, conforme aponta Carr-Gomm (2018), a pintura, ao atuar como registro visual da sociedade, estabelece um diálogo constante entre arte e cultura, permitindo que cada período histórico seja compreendido a partir de sua produção artística. Esse aspecto confere às obras pictóricas um valor que transcende sua estética, tornando-as testemunhos essenciais para a análise das relações humanas e das transformações sociais ao longo do tempo.

VESTIMENTAS NA PINTURA: MODA E IDENTIDADE SOCIAL

A vestimenta representada na pintura ao longo dos séculos revela não apenas as tendências estéticas de cada época, mas também os valores sociais, culturais e econômicos que moldaram as sociedades. A arte pictórica, como um registro visual, permite compreender a moda como um elemento fundamental de identidade e distinção social.

Segundo Perrot (1998), a roupa sempre desempenhou um papel essencial na construção das hierarquias sociais, sendo um marcador de status e pertencimento a determinadas classes ou grupos. Assim, ao analisar obras como *Arnolfini Portrait* (1434), de Jan van Eyck, *Las Meninas* (1656), de Diego Velázquez, e *Retrato de Madame X* (1884), de John Singer Sargent, é possível compreender como a pintura registra transformações na indumentária e reflete a estrutura social de cada período.

Na Idade Média e início do Renascimento, as vestimentas eram fortemente influenciadas pela posição social e pelo contexto religioso. A pintura *Arnolfini Portrait* (1434), de Jan van Eyck, é um dos exemplos mais notáveis da moda da época, retratando um casal de mercadores vestindo trajes luxuosos, típicos da burguesia flamenga em ascensão. A vestimenta da mulher, com um manto forrado de pele e um vestido de tecidos nobres, revela não apenas riqueza, mas também os valores culturais que restringiam o corpo feminino, cobrindo-o quase inteiramente. Segundo Ribeiro (2003), as roupas medievais tinham um caráter simbólico que ia além da estética, funcionando como uma linguagem visual de moralidade e status. O traje masculino, composto por um tabardo longo e um chapéu característico, reforça a posição social do homem como chefe da família e figura de autoridade.

No período Barroco, a vestimenta ganha ainda mais exuberância, refletindo a ostentação da nobreza europeia. Em *Las Meninas* (1656), de Diego Velázquez, a indumentária da infanta Margarida da Áustria e de suas damas de companhia representa a moda aristocrática da corte espanhola. Os vestidos volumosos, sustentados por armações conhecidas como *guardainfantes*, evidenciam não apenas o luxo, mas também a rigidez dos padrões sociais impostos às mulheres da elite. Conforme argumenta Laver (2011), a vestimenta da época era um reflexo da

hierarquia rígida da sociedade monárquica, na qual os trajes serviam como um meio de distinção e controle social. O uso de cores específicas, como o preto e o dourado, reforçava a sobriedade e a pompa da corte espanhola, contrastando com a moda francesa, que se tornaria mais extravagante no século seguinte.

No século XIX, a moda feminina passou por transformações significativas, acompanhando as mudanças sociais e a ascensão da burguesia. A obra *Retrato de Madame X* (1884), de John Singer Sargent, representa essa transição, trazendo um exemplo marcante da elegância e dos padrões de feminilidade da Belle Époque. A figura retratada, Madame Gautreau, veste um longo vestido de cetim preto, com alças finas e um corte que valoriza o contorno do corpo, algo inovador para a época. O escândalo gerado pela pintura, especialmente pelo detalhe de uma das alças caídas no esboço original, ilustra como a vestimenta feminina ainda estava submetida a normas rígidas de decoro e moralidade.

De acordo com Steele (1997), a moda do século XIX oscilava entre a idealização da mulher como um símbolo de pureza e a sensualidade sutil das novas silhuetas, que começavam a sugerir maior liberdade, mas ainda estavam longe de romper com os padrões tradicionais.

A análise dessas obras demonstra como a vestimenta retratada na pintura transcende a simples aparência, funcionando como um espelho dos valores e estruturas sociais de cada período. Desde os tecidos pesados e austeros da Idade Média até os vestidos sofisticados e provocativos do século XIX, a moda sempre acompanhou as transformações culturais e políticas, tornando-se um elemento essencial na compreensão da história da sociedade. Como argumenta Barthes (2009), a roupa é um sistema de signos, e a pintura, ao registrar esses signos, permite que possamos decifrar os códigos visuais de diferentes épocas e contextos.

PADRÕES DE BELEZA NAS OBRAS PICTÓRICAS

A concepção de beleza na arte pictórica sempre esteve intimamente ligada aos contextos históricos, culturais e sociais de cada período. A pintura, enquanto forma de expressão artística e registro da sociedade, reflete os ideais estéticos predominantes, moldados por fatores religiosos, filosóficos e até mesmo econômicos. A construção da estética e a idealização do corpo variaram significativamente ao longo do tempo, demonstrando como os padrões de beleza não são estáticos, mas sim produtos da dinâmica social.

Durante o Renascimento, por exemplo, a idealização da beleza feminina baseava-se na harmonia das formas e na influência da cultura greco-romana. A pintura “O Nascimento de Vênus”, de Sandro Botticelli (1486), ilustra esse ideal re-

nascentista ao representar Vênus emergindo do mar com proporções corporais equilibradas, pele clara e cabelos dourados ondulados. O corpo esguio da deusa, de traços delicados e expressão serena, reflete um modelo de beleza inspirado na antiguidade clássica, valorizando a simetria e a perfeição estética.

Segundo Gombrich (2012), o Renascimento trouxe uma revalorização da arte figurativa baseada em estudos anatômicos e na busca pela representação idealizada do corpo humano, influenciada pelo pensamento humanista. Dessa forma, Botticelli traduz em sua obra um padrão estético que exaltava a feminilidade etérea e pura, muitas vezes associado à virtude e à divindade.

No período Barroco, houve uma mudança significativa nos padrões estéticos, favorecendo representações mais volumosas e sensuais do corpo humano. “As Três Graças”, de Peter Paul Rubens (1639), exemplificam essa transformação ao retratar três figuras femininas nuas, de formas curvilíneas e exuberantes, expressando uma noção de beleza oposta à delicadeza renascentista. Para Rubens, a fartura corporal simbolizava fertilidade, saúde e abundância, valores essenciais para a época. A influência do pensamento barroco, que valorizava o movimento, o dinamismo e a expressividade, refletiu-se diretamente na estética pictórica, promovendo um ideal de beleza que se distanciava da simetria e da linearidade renascentista. Segundo Hauser (2003), o Barroco rompe com os ideais clássicos de equilíbrio e passa a enfatizar o dramatismo e a intensidade emocional, o que se manifesta também na forma como o corpo feminino é representado.

Já no início do século XX, com a ascensão do Simbolismo e da Art Nouveau, a arte pictórica passou a explorar novas formas de representação da beleza feminina, incorporando elementos ornamentais e estilizações sofisticadas. Um exemplo emblemático desse período é o “Retrato de Adele Bloch-Bauer I”, de Gustav Klimt (1907), em que a figura feminina se funde com um fundo dourado repleto de padrões geométricos e decorativos. O corpo de Adele é envolvido por um manto luxuoso que enfatiza sua elegância e status social, enquanto seu rosto expressa uma beleza enigmática e distante. Para Klimt, a mulher representada não era apenas um símbolo de beleza, mas também um reflexo das mudanças culturais e da sofisticação da sociedade vienense do início do século XX.

De acordo com Schorske (1990), a obra de Klimt reflete o refinamento e a sensualidade da Belle Époque, combinando influências do orientalismo e da estética simbolista para criar paradigma de feminilidade na arte.

A influência cultural e social nos conceitos de beleza é evidente nessas três obras, demonstrando como a arte pictórica não apenas registra padrões estéticos de sua época, mas também os reforça e os redefine. A beleza na pintura sempre foi um reflexo dos valores sociais e das estruturas simbólicas que moldam a percepção do corpo humano. O que hoje é considerado belo pode ter sido rejeitado

em outra época, evidenciando a fluidez dos ideais estéticos ao longo da história. Como apontam Burke (2004) e Hall (1997), a arte é um campo simbólico de disputas culturais, onde os padrões de beleza são construídos, desconstruídos e ressignificados conforme as mudanças sociais e ideológicas de cada período.

A PINTURA E OS SEUS VALORES COMPORTAMENTAIS NA CONTEMPORANEIDADE: REFLEXÕES CULTURAIS ATUAIS

A pintura, ao longo da história, tem sido um reflexo das transformações sociais e culturais, representando valores morais, padrões de comportamento e estruturas de poder. A arte visual, especialmente a pintura, atua como um documento que registra e questiona os paradigmas de cada época, seja reforçando ideais dominantes, seja promovendo rupturas e inovações.

Na contemporaneidade, essa função se intensifica, visto que a arte se diversifica, incorporando novas mídias e discursos, abordando questões como globalização, identidade e a comercialização da cultura.

A obra “A Última Ceia” de Leonardo da Vinci (1495-1498) é um dos exemplos mais emblemáticos da pintura como representação dos valores morais e sociais de sua época. Encomendada para o convento de Santa Maria delle Grazie, em Milão, a pintura retrata um dos momentos mais simbólicos do cristianismo: o anúncio da traição de Judas durante a ceia de Jesus Cristo com seus discípulos.

A composição expressa a religiosidade e os ideais de fé que permeavam a sociedade renascentista, reforçando a centralidade do cristianismo na cultura europeia da época. Além da maestria técnica na perspectiva e na distribuição espacial, Da Vinci incorpora a tensão emocional do momento, refletindo não apenas a doutrina religiosa, mas também os códigos comportamentais e espirituais da época (Gombrich, 2013). Esse tipo de representação moralizante na arte perdurou por séculos, influenciando tanto a iconografia religiosa quanto a forma como a arte comunica valores éticos e sociais.

Já no século XIX, a pintura assume um caráter mais politizado e revolucionário. “A Liberdade Guiando o Povo” (1830), de Eugène Delacroix, é um exemplo marcante da arte como instrumento de expressão de ideais políticos. Criada para representar a Revolução de Julho de 1830 na França, a obra retrata a figura alegórica da Liberdade liderando cidadãos franceses em um levante contra o governo de Carlos X. A composição caótica e dinâmica simboliza o espírito revolucionário, e a escolha de personagens variados – incluindo um jovem operário e um burguês armado – demonstra a união de diferentes classes sociais em prol de um objetivo comum. Para além de seu valor estético, a obra de Delacroix evidencia a relação

entre arte e poder, destacando como a pintura pode funcionar tanto como registro histórico quanto como ferramenta de mobilização ideológica (Clark, 1999).

No mesmo século, a pintura também se tornou um espaço para a contestação dos valores sociais estabelecidos, especialmente no que diz respeito aos papéis de gênero e à moralidade burguesa. “Olympia” (1863), de Édouard Manet, é um dos exemplos mais provocativos dessa subversão. Inspirada em obras renascentistas como “Vênus de Urbino” de Ticiano, a pintura retrata uma mulher nua deitada sobre uma cama, acompanhada por uma serva negra que lhe entrega flores.

Diferentemente das representações tradicionais da nudez feminina, Manet apresenta Olympia com um olhar direto e desafiador, desprovida da idealização e do mistério que costumavam cercar as figuras femininas na arte ocidental. A recepção da obra foi escandalosa na época, pois desafiava não apenas os padrões de beleza vigentes, mas também a hipocrisia da sociedade burguesa que consumia arte erótica sob o pretexto de alegorias mitológicas (Clark, 1985).

Essa obra abriu caminho para uma abordagem mais crítica na pintura, questionando convenções e provocando debates sobre o papel da mulher e da sexualidade na arte.

Na contemporaneidade, a pintura continua desempenhando um papel fundamental na discussão dos valores culturais e comportamentais. Com o advento da arte digital, as formas de representação cultural se expandiram, permitindo novos diálogos entre tradição e inovação. A globalização tem influenciado significativamente a produção artística, possibilitando a fusão de estilos e narrativas de diferentes contextos culturais.

Artistas como Kehinde Wiley, à guisa de exemplo, ressignificam a pintura clássica ao inserir figuras negras em composições tradicionalmente reservadas à elite europeia, desafiando as hierarquias raciais e históricas na arte. Esse movimento evidencia como a pintura, mesmo na era digital, permanece um campo de disputa simbólica e de resistência cultural (Foster *et al.*, 2011).

As questões de identidade e diversidade cultural também se tornaram centrais na arte contemporânea. Artistas como Frida Kahlo já exploravam a subjetividade e a identidade em suas obras no século XX, mas a discussão se intensificou com a valorização das narrativas individuais e coletivas de grupos historicamente marginalizados. A desconstrução dos padrões estabelecidos na arte contemporânea pode ser observada em obras que exploram gênero, raça e pertencimento social, refletindo os desafios e transformações da sociedade atual.

A representação da mulher, por exemplo, deixou de ser passiva e idealizada, assumindo um papel ativo e multifacetado na pintura contemporânea. Mickalene Thomas e Jenny Saville criam obras que subvertem a noção tradicional de beleza

e feminilidade, reptando os modelos impostos pela arte ocidental (Pollack, 2016).

O mercado de arte também desempenha um papel crucial na valorização da cultura visual na era digital. A comercialização da arte sempre foi um fator determinante para sua circulação e reconhecimento, mas no século XXI, a digitalização das obras e o surgimento de NFTs (tokens não fungíveis) alteraram radicalmente a relação entre arte e consumo.

A possibilidade de comercializar arte digital em plataformas descentralizadas expandiu o acesso e a visibilidade dos artistas, mas também levantou debates sobre a mercantilização da produção artística e sua autenticidade no mundo virtual (Graham, 2014).

Por conseguinte, observa-se que há uma compreensão de que a pintura contemporânea continua a refletir os valores culturais e comportamentais de seu tempo, seja através da crítica social, da reinterpretação de narrativas históricas ou da adoção de novas tecnologias. Se no transato a pintura documentava e reafirmava os valores dominantes, hoje ela se torna um espaço de contestação e reinvenção, proporcionando múltiplas perspectivas sobre a sociedade e suas complexidades. A arte, portanto, permanece um espelho da humanidade, registrando suas transformações e desafiando suas certezas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, discutimos a pintura como um reflexo dos valores culturais e comportamentais de diferentes períodos históricos, analisando como essa forma de arte tem sido utilizada tanto para reforçar normas sociais quanto para desafiá-las.

Desde a representação da religiosidade e da moralidade em obras como *A Última Ceia*, de Leonardo da Vinci, até a contestação de padrões sociais em *Olympia*, de Édouard Manet, a pintura tem sido uma importante ferramenta de expressão e reflexão sobre a sociedade. Além disso, exploramos como, na contemporaneidade, a arte continua a desempenhar esse papel, incorporando novas mídias e discursos para abordar questões de identidade, diversidade e globalização.

A análise das obras discutidas revelou que a pintura não somente registra aspectos visíveis da cultura, como vestimentas e padrões de beleza, mas também evidencia valores subjetivos, como as concepções de poder, masculinidade, feminilidade e participação política. Em *A Liberdade Guiando o Povo*, de Eugène Delacroix, a pintura transcende sua dimensão estética e se torna um símbolo de luta e resistência, demonstrando como a arte pode ser um canal para discursos políticos e ideológicos.

Na contemporaneidade, essa função se expande com a arte digital, que amplia os horizontes da pintura e permite novas formas de engajamento e circulação cultural.

O papel da pintura como espelho da sociedade se torna ainda mais evidente quando consideramos como a arte responde às transformações do seu tempo. Se no passado as representações artísticas eram moldadas pelas convenções religiosas e políticas, hoje a pintura assume uma posição mais plural, refletindo múltiplas perspectivas e desafiando estruturas estabelecidas.

A desconstrução dos papéis de gênero, a valorização de identidades historicamente marginalizadas e a influência da globalização são apenas alguns dos temas que permeiam a produção artística atual. Além disso, o mercado de arte e a era digital introduziram novas questões sobre a valorização e a mercantilização da arte, alterando as formas como a pintura é produzida, disseminada e consumida.

Diante dessa vasta interseção entre arte e sociedade, futuras pesquisas podem explorar ainda mais a relação entre a pintura e os fenômenos culturais contemporâneos. Estudos sobre o impacto da arte digital na construção da identidade cultural, investigações sobre o papel da pintura na representatividade de grupos minorizados e análises sobre a influência da inteligência artificial na criação artística são algumas direções possíveis para aprofundar essa discussão.

Ademais disso, pesquisas que comparem diferentes períodos históricos podem oferecer uma visão mais abrangente sobre a evolução dos valores culturais por meio da arte.

Destarte, a pintura continua a ser um elemento essencial para compreender as dinâmicas sociais, funcionando tanto como um registro visual da cultura quanto como um espaço de contestação e inovação.

Em epítome, da observação as obras do transato e do presente, emerge a percepção de que a arte não apenas reflete a sociedade, mas também contribui ativamente para sua transformação, desafiando limites e inspirando novas formas de pensar e interpretar o mundo.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. *O Sistema da Moda*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- CARR-GOMM, Sarah. *O significado da arte*. São Paulo: Editora GG, 2018.
- CLARK, T. J. *The Painting of Modern Life: Paris in the Art of Manet and His Followers*. Princeton: Princeton University Press, 1985.

- CLARK, Kenneth. *Civilisation: A Personal View*. New York: Harper & Row, 1999.
- FOSTER, Hal et al. *Art Since 1900: Modernism, Antimodernism, Postmodernism*. London: Thames & Hudson, 2011.
- GOMBRICH, Ernst. *A história da arte*. 16. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2012.
- GOMBRICH, E. H. *A História da Arte*. São Paulo: LTC, 2013.
- GRAHAM, Beryl. *Digital Art and Meaning: Reading Kinetic and Interactive Art*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2014.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- HAUSER, Arnold. *História social da arte e da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- LAVER, James. *A Roupas e a Moda: Uma História Concisa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- PANOFSKY, Erwin. *Significado nas artes visuais*. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- PERROT, Michelle. *História da Vida Privada 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- POLLACK, Griselda. *Vision and Difference: Feminism, Femininity and the Histories of Art*. London: Routledge, 2016.
- RIBEIRO, Aileen. *Dress and Morality*. Oxford: Berg, 2003.
- SCHORSKE, Carl E. *Vienna fin-de-siècle: política e cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- STEELE, Valerie. *Paris Fashion: A Cultural History*. Oxford: Oxford University Press, 1997.

5

ALEIJADINHO – MAGNÍFICO
ARTISTA

Em primeiro lugar, Antônio Francisco Lisboa, mais conhecido como Aleijadinho, é amplamente reconhecido como uma das figuras mais influentes do barroco no Brasil. Nascido em Ouro Preto, Minas Gerais, por volta de 1730, Aleijadinho foi filho de Manuel Francisco Lisboa, um arquiteto português, e Isabel, uma escrava africana. Esse contexto multicultural influenciou profundamente sua arte, que se tornou uma fusão única de tradições europeias e sensibilidades locais.

Outrossim, desde jovem, Aleijadinho mostrou aptidão para as artes, possivelmente aprendendo as habilidades de carpintaria e escultura com seu pai e outros mestres artesãos da região. Com o tempo, desenvolveu um estilo distinto que combinava elementos do barroco europeu com influências brasileiras. Suas obras são caracterizadas por um dinamismo expressivo e detalhamento intrincado, demonstrando seu domínio técnico e a profundidade de seu envolvimento espiritual.

Destarte, o auge de sua carreira ocorreu no final do século XVIII, quando Aleijadinho foi responsável por algumas das mais importantes obras de arte sacra do Brasil colonial. A Basílica do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, em Congonhas, é considerada sua obra-prima. Lá, criou os célebres Doze Profetas em pedra-sabão, que são notáveis por suas expressões vigorosas e realismo impressionante. Cada uma das estátuas transmite uma personalidade distinta, refletindo o contexto histórico e religioso da época.

Outro destaque de sua carreira foi a obra realizada na Igreja de São Francisco de Assis, em Ouro Preto. Nesta igreja, Aleijadinho não só projetou a fachada e a decoração interna, mas também esculpiu os relevos em madeira que adornam o altar. A complexidade das figuras esculpidas e o uso inovador do espaço evidenciam sua capacidade de transformar narrativas bíblicas em experiências visuais cativantes.

Conquanto o sucesso artístico, Aleijadinho enfrentou desafios pessoais significativos. Por volta dos 40 anos, desenvolveu uma doença, muitas vezes identificada como hanseníase, que resultou em deformidades físicas e o apelido “Aleijadinho”.

No entanto, isso não o impediu de continuar trabalhando. Adaptou suas ferramentas e métodos, mostrando uma resiliência notável ao superar suas limitações físicas para criar obras de arte que ainda hoje são reverenciadas.

Ademais de suas contribuições artísticas, Aleijadinho desempenhou um papel crucial na identidade cultural do Brasil. Sua obra representa uma fusão de influências europeias e afro-brasileiras, simbolizando a complexa tapeçaria cultural do país durante o período colonial. Através de sua arte, Aleijadinho capturou as tensões e as esperanças de uma sociedade em transformação, estabelecendo um legado duradouro que continua a inspirar artistas e estudiosos.

Por conseguinte, a influência de Aleijadinho se estende além do mundo ar-

tístico. Ele é frequentemente lembrado como um símbolo de resistência e inovação, alguém que superou adversidades pessoais e sociais para deixar uma marca indelével na história cultural do Brasil. Suas esculturas e arquiteturas não apenas embelezam as cidades onde estão localizadas, mas também contam histórias profundas sobre a fé, a identidade e a luta pela expressão artística em um mundo repleto de desafios.

O reconhecimento póstumo de Aleijadinho como um dos maiores artistas do Brasil destaca a importância de sua contribuição para a arte e a cultura. Ele permanece uma figura icônica, cujo trabalho continua a ser estudado e admirado por sua beleza e significado histórico. Suas obras não são apenas representações de temas religiosos, mas também manifestações de uma rica tradição cultural que influenciou gerações futuras de artistas e continua a ser uma fonte de orgulho para o povo brasileiro.

Em epítome, Aleijadinho é uma figura central no cenário do barroco brasileiro, cuja vida e obra refletem a complexidade e a beleza do período colonial. Suas esculturas e projetos arquitetônicos permanecem como testemunhos poderosos de sua habilidade artística e da rica herança cultural do Brasil.

Por final, o legado de Aleijadinho continua a ser uma inspiração duradoura, celebrando a resistência e a inovação.

6

ARQUITETURA É ARTE VISUAL

Isagogicamente, A arquitetura é, sem dúvida, uma das mais imponentes manifestações da arte visual. Ela se manifesta na interseção entre a técnica e a criatividade, fundindo a funcionalidade com a estética de uma forma única. Ao longo da história, a arquitetura desempenhou um papel crucial na formação de culturas e civilizações, refletindo suas crenças, valores e estilo de vida.

Não se trata apenas de erguer edifícios funcionais, mas de criar estruturas que comunicam visualmente, dialogam com o ambiente ao redor e estimulam a percepção sensorial dos observadores.

De outro vértice, a essência da arquitetura como arte visual está na sua capacidade de contar histórias através da forma, das proporções, das cores e dos materiais. Desde as pirâmides do Egito até os modernos arranha-céus de aço e vidro, a arquitetura transcende o simples abrigo, representando a expressão estética de uma época, cultura ou ideologia.

Um edifício não é apenas um local onde as pessoas vivem ou trabalham; ele pode evocar emoções, inspirar contemplação ou provocar debates sobre sua forma, função e significado.

O arquiteto, assim como um pintor ou escultor, trabalha com a composição visual. Ele projeta pensando em como o espaço será percebido tanto de longe quanto de perto, considerando a luz, as sombras, as linhas e os volumes. A escolha de materiais e texturas também é fundamental, pois eles adicionam camadas de sensações visuais e táteis.

Um exemplo clássico desse diálogo entre arte e função é o trabalho de Antoni Gaudí em Barcelona, onde sua obra icônica, a Sagrada Família, mostra um equilíbrio entre o funcional e o estético, ao mesmo tempo que incorpora elementos esculturais e pictóricos que transformam a construção em uma obra de arte monumental.

Ademais disso, a arquitetura não apenas cria experiências visuais, mas também molda o modo como nos relacionamos com o espaço ao nosso redor. A disposição dos edifícios em uma cidade, a forma como se integram ao ambiente natural ou urbano, e a maneira como os interiores são organizados afetam diretamente a nossa vivência e a nossa percepção de mundo.

Nesse sentido, a arquitetura também desempenha um papel social e cultural, impactando a vida cotidiana das pessoas e influenciando seu bem-estar.

A arquitetura moderna e contemporânea tem explorado ainda mais essa capacidade de ser uma arte visual. Movimentos como o modernismo, com figuras como Le Corbusier, trouxeram a ideia de que os edifícios podiam ser “máquinas para viver”, unindo forma e função de maneira otimizada, mas sem renunciar à Estética. O minimalismo, por sua vez, propôs a beleza na simplicidade, focando

em linhas puras e formas geométricas que realçam a experiência visual através da ausência do excesso.

Por outro lado, o desconstrutivismo, representado por arquitetos como Zaha Hadid e Frank Gehry, repta as noções tradicionais de forma e estrutura, criando edifícios que parecem desafiar a gravidade e as expectativas visuais do observador. Esses projetos são exemplos claros de como a arquitetura continua a ser uma força inovadora nas artes visuais, desafiando convenções e explorando novas possibilidades.

Por conseguinte, a arquitetura vai além de ser apenas uma técnica construtiva; ela é uma forma de arte visual que impacta profundamente a forma como vivemos, percebemos e interagimos com o mundo ao nosso redor.

Em epítome, ela desafia nossos sentidos e inspira nossa imaginação. Como funcionalidade, ela nos provê conforto e operacionalidade.

Por final, esse equilíbrio entre arte e técnica é o que faz da arquitetura uma expressão tão rica e essencial da criatividade humana.

7

ARTE VISUAIS NO ISLÃ – CARACTERÍSTICAS RELEVANTES

Preliminarmente, a arte islâmica é uma expressão cultural rica e diversa que se desenvolveu ao longo de mais de um milênio, abrangendo uma vasta região geográfica que se estende da Península Ibérica até o sudeste asiático. Com raízes profundas nas tradições artísticas dos povos árabes, persas, turcos, indianos e outros, a arte islâmica é marcada por uma combinação única de elementos religiosos, culturais e estéticos que a distinguem de outras tradições artísticas.

Outrossim, uma das características mais distintivas da arte islâmica é o uso extensivo de motivos geométricos e padrões abstratos. Esses elementos, que podem ser encontrados em azulejos, tecidos, manuscritos e arquitetura, são frequentemente utilizados para criar uma sensação de ordem e harmonia. A ênfase na geometria reflete uma concepção islâmica de beleza que está intimamente ligada à matemática e à simetria, resultando em designs intrincados e visualmente hipnóticos.

Ademais disso, dos padrões geométricos, a caligrafia ocupa um lugar central na arte islâmica. A escrita árabe, utilizada para transcrever o Alcorão, é frequentemente estilizada e decorada, tornando-se uma forma de arte em si. Manuscritos religiosos e literários, bem como inscrições em edifícios e objetos de uso cotidiano, são adornados com caligrafia, destacando a importância da palavra escrita na cultura islâmica.

A arquitetura islâmica é outra expressão fundamental dessa tradição artística. Mesquitas, palácios, mausoléus e madraças (escolas religiosas) são projetados com uma atenção meticulosa aos detalhes decorativos e estruturais. Elementos como minaretes, cúpulas e pátios internos refletem tanto a funcionalidade quanto a estética da arquitetura islâmica. Exemplos notáveis incluem a Mesquita de Córdoba na Espanha, o Taj Mahal na Índia e a Mesquita Azul em Istambul, cada um incorporando características únicas do seu contexto cultural e histórico.

A arte islâmica também se manifesta em outras formas, como a cerâmica, a tapeçaria, o vidro e os trabalhos em metal. Os artesãos islâmicos eram mestres na criação de objetos decorativos e utilitários, muitas vezes incorporando complexos desenhos geométricos e caligráficos. As cerâmicas esmaltadas, por exemplo, são conhecidas por suas cores vibrantes e padrões detalhados, enquanto os tapetes persas são famosos por sua beleza e qualidade artesanal.

Conquanto as variações regionais e históricas, a arte islâmica mantém uma coerência estilística que a torna imediatamente reconhecível. A ausência de representações figurativas, especialmente em contextos religiosos, é uma característica comum, resultante da interpretação islâmica da proibição de imagens idolátricas. Em vez disso, a arte islâmica celebra a beleza da criação divina através da abstração, da ornamentação e da caligrafia.

Ao longo dos séculos, a arte islâmica não apenas evoluiu internamente, mas também influenciou outras tradições artísticas ao redor do mundo. A interação com culturas vizinhas e as dinâmicas de comércio e conquista contribuíram para um intercâmbio de ideias e técnicas, enriquecendo ainda mais essa tradição artística.

Em epítome, a arte islâmica se configura em celebração da criatividade humana e da devoção religiosa, manifestando-se através de uma variedade de formas e estilos.

Por final, a sua ênfase na geometria, na caligrafia e na ornamentação, combinada com a rica herança cultural das nações islâmicas, resulta em uma tradição artística que continua a fascinar e inspirar até os dias de hoje.

8

CINEMA: um olhar sobre a mídia ideológica

CINEMA: a look at ideological media

RESUMO

O presente artigo analisa o cinema como um importante instrumento de comunicação e expressão cultural, capaz de refletir e influenciar valores sociais, políticos e ideológicos, tendo como pano de fundo a sua relação direta com a midiatização e o contexto ideológico. Desde suas origens, o cinema tem sido utilizado tanto para reforçar narrativas hegemônicas, como na propaganda política, quanto para questionar estruturas de poder e promover mudanças sociais, evidenciando sua dualidade como instrumento de dominação e resistência. A análise aborda a função social do cinema na contemporaneidade, destacando como as novas tecnologias e plataformas de streaming transformaram a produção, distribuição e consumo de filmes, ao mesmo tempo em que impõem desafios à autonomia criativa e à profundidade artística. Conceitos como hipercinematografia e cultura da convergência são discutidos para entender os impactos da superprodução e da lógica comercial no cinema atual. Assim sendo, o artigo defende a importância de uma leitura crítica dos filmes, capaz de desvendar suas camadas ideológicas, e ressalta o potencial do cinema como agente de transformação social. Por fim, são apresentadas reflexões sobre o futuro do cinema em um cenário de rápidas mudanças tecnológicas, enfatizando a necessidade de equilibrar inovação e acessibilidade com a preservação da diversidade e da integridade artística.

Palavras-chave: cinema; ideologia; midialização; hipercinematografia.

ABSTRACT

This article analyzes cinema as an important instrument of communication and cultural expression, capable of reflecting and influencing social, political and ideological values, against the backdrop of its direct relationship with mediatization and the ideological context. Since its origins, cinema has been used both to reinforce hegemonic narratives, as in political propaganda, and to question power structures and promote social change, highlighting its duality as an instrument of domination and resistance. The analysis addresses the medialization of cinema in contemporary times, highlighting how new technologies and streaming platforms have transformed the production, distribution and consumption of films, while at the same time imposing challenges to creative autonomy and artistic depth. Concepts such as hypercinematography and convergence culture are discussed in order to understand the impacts of overproduction and commercial logic on current cinema. As such, the article defends the importance of a critical reading of films, capable of unveiling their ideological layers, and highlights the potential of cinema as an agent of social transformation. Finally, reflections are presented on the future of cinema in a scenario of rapid technological change, emphasizing the need to balance innovation and accessibility with the preservation of diversity and artistic integrity.

Keywords: cinema; ideology; medialization; hypercinematography.

INTRODUÇÃO

O cinema, desde sua invenção no final do século XIX, consolidou-se como uma das mais poderosas ferramentas de comunicação e entretenimento da modernidade. Surgindo como uma novidade tecnológica, rapidamente evoluiu para uma forma de arte capaz de contar histórias, emocionar plateias e, ao mesmo tempo, transmitir mensagens profundas sobre a condição humana. Ao longo das décadas, o cinema tornou-se um espelho da sociedade, refletindo não apenas suas aspirações e conflitos, mas também suas ideologias e valores. Essa capacidade de influenciar e ser influenciado pela cultura faz do cinema um campo fértil para a análise de como as narrativas audiovisuais podem servir como veículos de transmissão ideológica. A relação entre cinema, cultura e ideologia é intrínseca, uma vez que os filmes, ao retratarem realidades ou imaginários, carregam consigo visões de mundo que podem tanto reforçar sistemas de poder quanto questioná-los.

Em face disso, analisar o cinema como uma mídia que reflete e influencia valores sociais e políticos torna-se essencial para compreender seu papel na formação de opiniões e na construção de identidades coletivas. Este artigo parte da hipótese de que o cinema, enquanto produto cultural, não é neutro: ele é permeado por escolhas estéticas, narrativas e temáticas que revelam intenções ideológicas, sejam elas explícitas ou sutis. A metodologia adotada inclui a revisão teórica de autores que discutem a relação entre mídia e ideologia, como os pensadores da Escola de Frankfurt, além da análise de filmes que exemplificam a transmissão de mensagens políticas, sociais ou culturais.

O objetivo central deste trabalho é explorar como o cinema pode ser utilizado como veículo de transmissão ideológica, discutindo exemplos de filmes que carregam mensagens que vão desde a propaganda política até a crítica social. Para isso, o artigo busca responder a perguntas norteadoras, tais como: Como o cinema reproduz ou questiona ideologias dominantes? Qual o impacto dessas mensagens na sociedade? Ao refletir sobre essas questões, pretende-se evidenciar o poder do cinema não apenas como forma de entretenimento, mas também como instrumento de influência e transformação social.

CINEMA E IDEOLOGIA: CONCEITOS FUNDAMENTAIS

A relação entre cinema e ideologia remonta aos primórdios da sétima arte, quando os irmãos Lumière, em 1895, apresentaram ao mundo as primeiras projeções cinematográficas. Desde então, o cinema não apenas capturou a realidade, mas também passou a moldá-la, tornando-se um veículo poderoso para a disseminação de ideias e valores. A ideologia, entendida como um conjunto de crenças, valores e representações que sustentam e legitimam estruturas de poder (Marx;

Engels, 2007), encontra no cinema um meio privilegiado de expressão. A mídia, de modo geral, desempenha um papel central na circulação de ideologias, e o cinema, por sua natureza audiovisual e emotiva, amplifica essa capacidade, influenciando a maneira como as pessoas percebem o mundo e a si mesmas.

O cinema, ao contar histórias e criar personagens, constrói narrativas que podem tanto reforçar quanto contestar sistemas de poder. Por exemplo, durante a Segunda Guerra Mundial, filmes como *O Grande Ditador* (1940), de Charles Chaplin, desafiaram o fascismo, enquanto produções como *O Triunfo da Vontade* (1935), de Leni Riefenstahl, serviram como propaganda para o regime nazista. Esses exemplos ilustram como o cinema pode ser instrumentalizado para fins ideológicos, seja para promover mudanças sociais, seja para manter o status quo. Nesse sentido, o cinema não é apenas um reflexo da sociedade, mas também um agente ativo na construção de realidades sociais e políticas.

A teoria crítica da indústria cultural, desenvolvida por pensadores da Escola de Frankfurt como Theodor Adorno e Max Horkheimer, oferece uma base teórica fundamental para compreender a relação entre cinema e ideologia. Segundo Adorno e Horkheimer (1985), a indústria cultural, da qual o cinema faz parte, produz bens simbólicos que perpetuam a lógica do capitalismo, homogeneizando a cultura e neutralizando o potencial crítico das massas. Para os autores, o cinema, assim como outras formas de mídia, tende a reforçar ideologias dominantes, transformando a arte em mercadoria e o espectador em consumidor passivo. No entanto, essa perspectiva não desconsidera a possibilidade de resistência. Hooks (1995) argumenta que o cinema também pode ser um espaço de contestação, onde narrativas marginalizadas encontram voz e desafiam as estruturas de poder estabelecidas.

Destarte, a partir do que argumenta Hooks (1995), o cinema ocupa um lugar ambíguo no campo ideológico: por um lado, pode servir como instrumento de dominação, reproduzindo estereótipos e legitimando desigualdades; por outro, pode funcionar como ferramenta de emancipação, questionando normas e ampliando horizontes de possibilidade. A análise dessa dualidade exige um olhar atento às escolhas estéticas, narrativas e temáticas dos filmes, bem como ao contexto social e histórico em que são produzidos e recebidos. Ao explorar essas dimensões, este capítulo busca fundamentar a discussão sobre o cinema como um campo de batalha ideológica, onde visões de mundo são disputadas e reconfiguradas.

O CINEMA COMO INSTRUMENTO IDEOLÓGICO

O cinema, ao longo de sua história, consolidou-se como uma forma de arte e entretenimento, bem como um poderoso instrumento ideológico, capaz de trans-

mitir mensagens políticas, sociais e culturais. Essa capacidade de influenciar públicos e moldar percepções torna o cinema um campo privilegiado para a análise de como as ideologias são veiculadas e perpetuadas (Eisenstein, 2002). Um dos exemplos mais marcantes dessa função ideológica do cinema é o seu uso como ferramenta de propaganda, especialmente em contextos de conflitos políticos e sociais. Durante o regime nazista na Alemanha, por exemplo, filmes como “*O Triunfo da Vontade*” (1935), dirigido por Leni Riefenstahl, foram produzidos com o objetivo claro de glorificar a figura de Adolf Hitler e disseminar os ideais do Partido Nacional-Socialista. Conforme aponta Kracauer (2004), esses filmes utilizavam técnicas cinematográficas inovadoras para criar uma aura de poder e infalibilidade em torno do líder, reforçando a ideologia nazista junto à população.

Outrossim, o cinema soviético, sob a liderança de Sergei Eisenstein, produziu obras como “*O Encouraçado Potemkin*” (1925), que retratavam a luta revolucionária e exaltavam os valores do comunismo, servindo como instrumento de mobilização e educação das massas (Eisenstein, 2002). Já durante a Guerra Fria, o cinema norte-americano foi amplamente utilizado para promover os ideais capitalistas e democráticos, em contraposição ao bloco socialista. Filmes como “*Rambo III*” (1988) retratavam os soviéticos como inimigos, reforçando a narrativa de uma luta global entre o «bem» e o «mal» (Said, 1995).

Ademais de sua função propagandística, o cinema também desempenha um papel crucial na representação social, influenciando como questões de gênero, raça, classe e identidade são percebidas e discutidas na sociedade. A representação de grupos marginalizados no cinema frequentemente reflete e reforça estereótipos, perpetuando desigualdades e preconceitos. À guisa de exemplo, nos primórdios de Hollywood, personagens negros eram frequentemente retratados de maneira caricata e subalterna, como no controverso “*O Nascimento de uma Nação*” (1915), de D.W. Griffith, que glorificava a Ku Klux Klan e reforçava visões racistas (Hall, 1997). No entanto, ao longo do tempo, o cinema também tem sido um espaço para a promoção de representações progressistas e para a contestação de estereótipos.

Filmes como “*Pantera Negra*” (2018), dirigido por Ryan Coogler, desafiam narrativas hegemônicas ao apresentar personagens negros como protagonistas de uma história de empoderamento e resistência, contribuindo para a valorização da cultura afrodescendente (Hooks, 2019). Da mesma forma, a representação de gênero no cinema tem evoluído, com filmes como “*As Sufragistas*” (2015) e “*Mulher-Maravilha*” (2017) trazendo protagonistas femininas fortes e complexas, que desafiam os papéis tradicionais atribuídos às mulheres (Mulvey, 1975).

A perpetuação de estereótipos ou a promoção de representações progressistas no cinema não é um fenômeno aleatório, mas sim resultado de escolhas narrativas e estéticas que refletem os valores e interesses de quem produz e consome essas

obras. Conforme destaca Adorno (2009), a indústria cultural, da qual o cinema faz parte, tende a reproduzir as estruturas de poder dominantes, mas também pode abrir espaços para a crítica e a transformação social. Assim, o cinema funciona como um espelho da sociedade, refletindo suas contradições e conflitos, mas também como um agente ativo na construção de novas visões de mundo.

Destarte, ao analisar filmes que abordam questões de gênero, raça, classe e identidade, é possível identificar tanto a reprodução de ideologias hegemônicas quanto a emergência de discursos alternativos que buscam promover a diversidade e a inclusão. Nesse sentido, o cinema tende a refletir não somente a realidade social, mas também a transforma, influenciando como as pessoas percebem a si mesmas e aos outros.

A INDÚSTRIA CINEMATOGRAFICA E O CONTROLE IDEOLÓGICO

Como já observado neste estudo, a indústria cinematográfica, ao longo de sua história, tem sido um poderoso instrumento de controle ideológico, atuando não apenas como produtora de entretenimento, mas também como difusora de valores, crenças e visões de mundo. Esse papel é amplamente reforçado pelo financiamento político e econômico que sustenta grande parte dos projetos cinematográficos. Adorno e Horkheimer, em sua obra *Dialética do Esclarecimento* (1985), já alertavam para o papel da indústria cultural na manutenção do status quo, argumentando que a produção cultural em massa, incluindo o cinema, serve para reproduzir as estruturas de poder dominantes. Nesse sentido, os estúdios cinematográficos, ao selecionarem e financiarem projetos, priorizam narrativas que estejam alinhadas com interesses políticos, econômicos e ideológicos específicos. Essa seleção não é neutra: ela reflete as prioridades de grupos que detêm o poder de decidir quais histórias serão contadas e quais serão silenciadas.

A globalização do cinema, liderada principalmente por Hollywood, ampliou ainda mais essa dinâmica. Hollywood, historicamente, domina o mercado cinematográfico mundial e exporta valores ocidentais, especialmente norte-americanos, como democracia, individualismo e consumo. Essa hegemonia cultural, discutida por autores como Edward Said em *Cultura e Imperialismo* (1993), **reforça a ideia de que o cinema é um veículo de soft power**, capaz de influenciar culturas e sociedades em escala global. A predominância de narrativas hollywoodianas muitas vezes marginaliza vozes alternativas, especialmente aquelas provenientes de países periféricos ou de grupos minoritários, criando um desequilíbrio na representação cultural.

No entanto, a ascensão de cinemas independentes e alternativos tem surgi-

do como um contraponto a essa hegemonia. Movimentos como o Cinema Novo no Brasil, liderado por Glauber Rocha, ou o Neorrealismo Italiano, exemplificam como o cinema pode ser utilizado como ferramenta de resistência e crítica social. Essas produções, muitas vezes realizadas com orçamentos reduzidos e fora dos grandes estúdios, buscam retratar realidades marginalizadas e questionar as estruturas de poder. Xavier (1997), em *Allegories of Underdevelopment*, destacam como esses movimentos cinematográficos desafiam as narrativas dominantes e oferecem perspectivas alternativas sobre a sociedade.

Por conseguinte, a indústria cinematográfica, embora frequentemente utilizada como instrumento de controle ideológico, também abre espaço para resistências e contra-narrativas. Said (1993) compreende que a tensão entre a produção hegemônica e as vozes independentes revela o cinema como um campo de disputa, onde diferentes visões de mundo competem por visibilidade e legitimidade. Essa dualidade reforça a importância de uma análise crítica do cinema, capaz de identificar tanto suas funções de dominação quanto seu potencial transformador.

A MIDIALIZAÇÃO DO CINEMA NA CONTEMPORANEIDADE: UM OLHAR CRÍTICO

A midialização do cinema na contemporaneidade é um fenômeno complexo que reflete as transformações tecnológicas, culturais e econômicas das últimas décadas. O conceito de midialização, conforme discutido por Lundby (2009), refere-se ao processo pelo qual a mídia se torna central na organização e na representação das práticas sociais, influenciando não apenas a forma como consumimos informações, mas também como produzimos e interpretamos cultura. No contexto do cinema, a midialização pode ser entendida como a crescente interdependência entre a produção cinematográfica e as lógicas midiáticas, que incluem desde a distribuição digital até a influência das redes sociais na recepção e no marketing de filmes. Esse processo tem raízes históricas que remontam ao final do século XX, quando a globalização e a expansão das tecnologias digitais começaram a reconfigurar a indústria cinematográfica.

Na contemporaneidade, o cinema vive uma era de convergência midiática, termo cunhado por Jenkins (2006) para descrever como as plataformas de mídia se interconectam, criando novas formas de produção e consumo. A ascensão dos streamings, como Netflix e Amazon Prime, exemplifica essa transformação, ao desafiar o modelo tradicional de distribuição cinematográfica e ao democratizar o acesso a filmes. No entanto, essa democratização não é isenta de contradições. A influência da mídia na produção cinematográfica tem se intensificado, com as grandes plataformas priorizando conteúdos que geram engajamento rápido e am-

plo alcance, muitas vezes em detrimento de obras autorais ou de caráter experimental. Como aponta Jonathan Gray (2010), a lógica midiática tende a privilegiar narrativas que se alinham a interesses comerciais, o que pode resultar em uma homogeneização das produções cinematográficas.

No que corresponde a influência da midialização no âmbito social, o papel da política no cinema é intrínseco e multifacetado, uma vez que o cinema, como expressão cultural, reflete e influencia as dinâmicas de poder e as ideologias de seu tempo. Desde seus primórdios, como observam Lipovetsky e Serroy (2009), o cinema foi utilizado como ferramenta de propaganda, seja para consolidar regimes autoritários, como nos filmes de Leni Riefenstahl durante o nazismo, seja para promover ideais democráticos, como no cinema soviético de Sergei Eisenstein. Além disso, o cinema também serve como espaço de resistência e crítica, questionando estruturas de poder e dando voz a grupos marginalizados.

Observa-se em filmes como *Cidadão Kane* (1941) e *Parasita* (2019) a exemplificação de como o cinema pode explorar temas políticos como corrupção, desigualdade e luta de classes. Assim, a política no cinema não se limita a filmes explicitamente engajados; ela permeia escolhas narrativas, estéticas e temáticas, revelando como o cinema é tanto um reflexo quanto um agente das transformações sociais e políticas.

Essa midialização demasiada traz riscos para o futuro do cinema como forma de arte. Ao priorizar a rentabilidade e o impacto imediato, a indústria corre o risco de negligenciar a diversidade de vozes e perspectivas que historicamente enriqueceram a sétima arte. Além disso, a pressão por conteúdos que se adaptem às demandas das redes sociais e das plataformas digitais pode levar a uma banalização das narrativas, reduzindo o cinema a um produto meramente consumível, em vez de uma expressão cultural profunda e reflexiva. Lipovetsky e Serroy (2009) alertam para o perigo de uma “hipercinematografia”, na qual a quantidade de produções supera a qualidade, e o cinema perde sua capacidade de provocar questionamentos e emocionar de maneira significativa.

Esse conceito está intrinsecamente ligado à lógica da contemporaneidade, marcada pela aceleração do tempo, pela saturação de informações e pela mercantilização da cultura. Segundo os autores, a hipercinematografia é um reflexo da era hipermoderna, na qual o cinema, assim como outras formas de expressão cultural, é submetido às demandas do mercado e às expectativas de um público cada vez mais fragmentado e ávido por novidades. Nesse cenário, a produção cinematográfica tende a priorizar a rentabilidade e o impacto imediato, muitas vezes em detrimento da originalidade e da complexidade artística.

Outro autor que contribui para a compreensão desse fenômeno é Frederic Jameson (1991), que, em sua análise sobre o pós-modernismo, discute como a ló-

gica do capitalismo tardio transforma a cultura em mercadoria. Para Jameson, o cinema pós-moderno é marcado pela superficialidade, pela pastiche e pela perda de profundidade histórica e crítica. Nesse sentido, a hipercinematografia pode ser vista como uma manifestação dessa tendência, na qual a proliferação de filmes muitas vezes resulta em obras que carecem de densidade narrativa e reflexiva, priorizando efeitos visuais e fórmulas previsíveis em vez de explorar temas complexos ou questionar as estruturas sociais.

Crary (2013), traz uma perspectiva relevante ao discutir como a cultura contemporânea está moldada por uma lógica de consumo incessante e imediatista. Para Crary (2013), a saturação de imagens e conteúdos audiovisuais, impulsionada pela digitalização e pelas plataformas de streaming, contribui para uma espécie de “cansaço visual” e para a dificuldade de engajamento profundo com as obras. Nesse contexto, essa produção demasiada pode ser entendida como parte de um sistema que valoriza a quantidade e a disponibilidade constante de novos conteúdos, muitas vezes em detrimento da qualidade e da capacidade de reflexão.

A par disso, a crítica de Han (2015) à sociedade do cansaço e à transparência oferece insights importantes para entender os efeitos da hipercinematografia. Han (2015) argumenta que a superexposição a informações e imagens leva a uma superficialidade nas relações e na apreciação cultural. No cinema, isso se traduz em uma produção massiva de filmes que, embora tecnicamente bem elaborados, muitas vezes falham em provocar questionamentos profundos ou em estabelecer conexões significativas com o espectador.

Por outro lado, Jenkins (2006) e Manovich (2001) apresentam uma visão mais otimista sobre as transformações trazidas pela digitalização e pela midialização do cinema. Jenkins, em sua teoria da cultura da convergência, argumenta que as novas tecnologias e plataformas digitais permitem uma maior participação do público na criação e na circulação de conteúdos, o que pode resultar em uma democratização do cinema e no surgimento de novas formas de expressão artística. Manovic (2001), por sua vez, destaca como a digitalização amplia as possibilidades criativas, permitindo a experimentação com novas linguagens e estéticas. No entanto, mesmo esses autores reconhecem os desafios impostos pela lógica comercial e pela saturação de conteúdos, que podem limitar o potencial inovador do cinema.

Para Jenkins (2006), a midialização do cinema na contemporaneidade é um fenômeno ambíguo, ou seja, ela amplia o acesso e a diversidade de conteúdos; por outro lado, impõe desafios à autonomia criativa e à profundidade artística. Logo, à luz do que compreende Manovich (2001), para garantir que o cinema continue a evoluir como uma forma de expressão cultural relevante, é essencial refletir criticamente sobre como as lógicas midiáticas estão moldando seu futuro e buscar um equilíbrio entre inovação tecnológica e integridade artística.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo, exploramos o cinema como uma mídia que não apenas reflete a sociedade, mas também a modela, atuando como um espelho das ideologias, valores e conflitos de cada época. Desde suas origens, o cinema demonstrou ser uma ferramenta estratégica de comunicação, capaz de transmitir mensagens que vão desde a propaganda política até a crítica social.

Essa dualidade – o cinema como instrumento de dominação e, ao mesmo tempo, de resistência – foi um dos eixos centrais da discussão. Por um lado, filmes históricos e contemporâneos têm sido utilizados para reforçar narrativas hegemônicas e sistemas de poder; por outro, o cinema também se mostrou um espaço fértil para questionar essas mesmas estruturas, dando voz a perspectivas marginalizadas e promovendo debates sobre questões sociais urgentes. Essa ambivalência revela o potencial do cinema como uma forma de arte que pode tanto reproduzir quanto transformar a realidade.

A importância de uma leitura crítica dos filmes emerge como uma conclusão fundamental deste trabalho. Em um mundo saturado de imagens e narrativas, é essencial que espectadores e estudiosos desenvolvam ferramentas para analisar não apenas o que os filmes mostram, mas também como e por que o fazem. A análise crítica permite desvendar as camadas ideológicas presentes nas obras cinematográficas, compreendendo como elas dialogam com contextos políticos, culturais e históricos. Além disso, essa leitura atenta abre espaço para a valorização de filmes que desafiam convenções e oferecem novas perspectivas, contribuindo para uma cultura cinematográfica mais diversa e reflexiva.

O potencial do cinema para promover mudanças sociais e culturais também foi destacado. A midialização e a hipercinematografia, discutidas ao longo do artigo, representam riscos para a autonomia criativa e a profundidade artística, especialmente em um cenário onde a lógica comercial e a demanda por engajamento rápido muitas vezes prevalecem.

Olhando para o futuro, as novas tecnologias e plataformas de streaming estão transformando profundamente a relação entre cinema e ideologia. A democratização do acesso a filmes, proporcionada por serviços como Netflix e Amazon Prime, amplia as possibilidades de consumo e produção, mas também impõe novas dinâmicas de poder. A curadoria algorítmica, por exemplo, pode limitar a exposição a obras que desafiem as expectativas do público, reforçando bolhas culturais.

Por outro lado, a ascensão de produções independentes e a globalização do cinema oferecem oportunidades para que vozes diversas alcancem audiências globais, desafiando narrativas dominantes e enriquecendo o panorama cultural.

Em epítome, compreende-se que o cinema continua a ser uma das formas de

expressão mais relevantes e influentes da contemporaneidade. Sua capacidade de refletir e moldar a sociedade, aliada ao seu potencial como ferramenta de resistência e transformação, reforça a necessidade de uma abordagem crítica e consciente tanto na produção quanto no consumo de filmes. À medida que avançamos em uma era marcada por rápidas transformações tecnológicas e culturais, o desafio será equilibrar inovação e acessibilidade com a preservação da integridade artística e da diversidade de vozes. O cinema, como sempre, seguirá sendo um campo de batalha ideológico, mas também um espaço de mudanças e reinvenção.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- ADORNO, Theodor W. *Indústria cultural e sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- CRARY, Jonathan. *24/7: Late Capitalism and the Ends of Sleep*. Londres: Verso, 2013.
- EISENSTEIN, Sergei. *A forma do filme*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- GRAY, Jonathan. *Show Sold Separately: Promos, Spoilers, and Other Media Paratexts*. Nova York: NYU Press, 2010.
- HALL, Stuart. *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices*. London: Sage, 1997.
- HAN, Byung-Chul. *A sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2015.
- HOOKS, Bell. *Olhares negros: raça e representação*. São Paulo: Elefante, 2019.
- HOOKS, Bell. *Cinema and Cultural Politics: Black Looks – Race and Representation*. Boston: South End Press, 1995.
- JAMESON, Frederic. *Postmodernism, or, The Cultural Logic of Late Capitalism*. Durham: Duke University Press, 1991.
- JENKINS, Henry. *Convergence Culture: Where Old and New Media Collide*. Nova York: NYU Press, 2006.
- KRACAUER, Siegfried. *De Caligari a Hitler: uma história psicológica do cinema alemão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. *A tela global: mídias culturais e cinema na era hipermoderna*. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- LUNDBY, Knut (Org.). *Mediatization: Concept, Changes, Consequences*. Nova York: Peter Lang, 2009.
- MANOVICH, Lev. *The Language of New Media*. Cambridge: MIT Press, 2001.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.

MULVEY, Laura. Prazer visual e cinema narrativo. In: XAVIER, Ismail (Org.). A experiência do cinema. Rio de Janeiro: Graal, 1975.

SAID, Edward W. Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

XAVIER, I. Allegories of Underdevelopment: Aesthetics and Politics in Modern Brazilian Cinema. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.

Esta obra apresenta uma reflexão sobre a crítica de arte como prática essencial para compreender e valorizar diferentes manifestações artísticas. A obra percorre cinco modalidades centrais — pintura, música, cinema, literatura e teatro — destacando suas especificidades e a forma como a crítica revela sentidos ocultos em cada expressão. Ao analisar mestres como Leonardo da Vinci, Beethoven, Hitchcock, Shakespeare e Ibsen, o livro evidencia como a interpretação crítica conecta técnica, contexto histórico e impacto cultural. Mais que julgamento, trata-se de um diálogo entre obra, artista e público, convidando o leitor a uma apreciação mais sensível e profunda das artes visuais e suas interações com o mundo.

ISBN: 978-65-6068-183-5

